

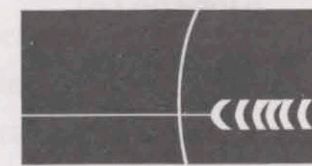
AUA KAMBEBA



A PALAVRA DA ALDEIA NOSSA SENHORA DA SAÚDE

AUA KAMBEBA:

A palavra da aldeia Nossa Senhora da Saúde



Conselho Indigenista Missionário

UNICEF
1999

PUBLICAÇÃO

ORGANIZAÇÃO

Iara Tatiana Bonin
Raimundo Cruz da Silva Kambeba

PROJETO GRÁFICO E ARTE FINAL

Henrique Bodê
Francisco Eduardo de Holanda
Iara Tatiana Bonin

REVISÃO

Leda Bosi Magalhães

CAPA

Graça Cruz dos Santos Kambeba
Divino Cruz da Silva Kambeba

APOIO FINANCEIRO

UNICEF
CIMI

DIREITOS AUTORAIS

Povos Kambeba / Nossa Senhora da Saúde

FOTOLITOS

Papagaio Fotolito Digital

IMPRESSÃO

DupliFolha



APRESENTAÇÃO

Este livro foi elaborado pelos Kambeba da aldeia Nossa Senhora da Saúde. O objetivo é contribuir com o trabalho da escola e ser instrumento de reflexão sobre a cultura e a realidade Kambeba.

Fazem parte desta obra os relatos de pessoas da comunidade sobre a história e da aldeia Nossa Senhora da Saúde. Há textos compostos a partir de conversas sobre o cotidiano, o trabalho, as festas, as lembranças, entre outros aspectos da vida Kambeba.

O livro foi planejado coletivamente. Seu conteúdo foi definido em janeiro de 1998. Depois, em julho do mesmo ano, várias conversas foram gravadas. As transcrições destas falas kambeba originaram os textos que foram submetidos à aprovação, correção e complementação dos autores em fevereiro de 1999. O livro foi organizado por Raimundo Cruz da Silva Kambeba, professor da aldeia, e por mim, em fevereiro de 1999.

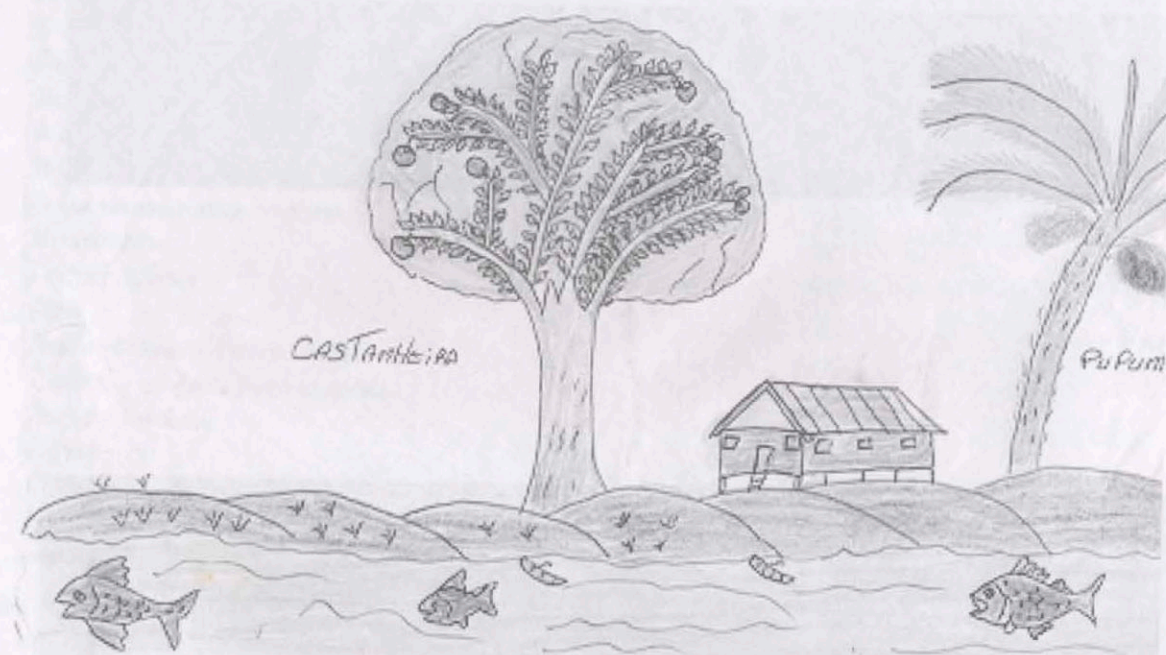
Distribuímos os textos em cinco partes:

- na primeira o tuxaua, Seu Valdomiro Cruz, apresenta os Kambeba e relata o caminho que seu povo percorreu até chegar à aldeia Nossa Senhora da Saúde. Diamantina Cruz conta a história da formação da aldeia;
- na segunda parte registramos aspectos a vida, da memória sobre aldeias antigas e do cotidiano Kambeba;
- na terceira parte reunimos as histórias contadas pelos mais velhos e que costumam ser ouvidas atentamente pelos jovens e crianças da aldeia;
- na quarta parte abrimos espaço para os textos em língua Kambeba produzidos na escola;
- na quinta parte está organizado um dicionário da língua Kambeba, a partir de duas fontes históricas destacadas na bibliografia;

A intenção dos Kambeba com essa publicação é motivar a reflexão em torno de sua cultura no espaço de suas escolas, não apenas na aldeia Nossa Senhora da Saúde, como também nas outras aldeias de seu povo. Pretendem ainda tornar mais conhecida a sua realidade, desfazendo o equívoco histórico, alimentado durante muitos anos, de considerar os Omagua um povo extinto.

Iara Tatiana Bonin

Membro do CIMI / Mestranda da UnB



Vânia Lima dos Santos

INTRODUÇÃO

Nós pensamos em fazer este livro para ajudar no trabalho da escola.

Nós, os Kambeba, precisamos conhecer mais a nossa própria história e também queremos aprender a falar a nossa língua. A escola já está ajudando nisso, porque a gente estuda a nossa língua um dia por semana. Mas agora temos que continuar mais para frente.

Para montar esse livro nós fizemos algumas conversas sobre o nosso costume e a nossa história. Pedimos para a lara escrever e depois trazer pra nós novamente.

Os textos na língua Kambeba a gente criou na aula mesmo, procurando como é que a gente diz cada coisa, escrevendo e depois lendo.

A gente foi fazendo os desenhos na escola, com os alunos. Muita gente da comunidade quis ajudar no livro e fez desenhos também.

Nossa aldeia está ficando conhecida agora e eu quero melhorar todo dia mais um pouquinho o meu trabalho na escola.

Aí vai ficar melhor pra nós, isso que eu penso

Raimundo Cruz da Silva Kambeba
Professor da aldeia Nossa Senhora da Saúde.

INTRODUÇÃO



Raimundo Cruz da Silva Kambéba

PRIMEIRA PARTE

Para conhecer um pouco da nossa história



Iara Tatiana Bonin

Nosso caminho até aqui

História pessoal e experiências de vários "deslocamentos"

Meu nome é Valdomiro Cruz, tuxaua da aldeia. Vou contar a história dos Kambeba até nós chegarmos aqui nesta terra.

Eu nasci na Ilha do Capote, em 1919. Antes de eu nascer meus parentes já estavam no Capote, viviam ali todos reunidos. Eles saíram de Magua, moraram uns tempos no Copeçu e desceram depois para o Capote. Isso foi há muito tempo mesmo, por causa do plantio.

Terra firme, é boa, mas não dá como na várzea. Nas praias, com aqueles lameiros dá muito milho. Dá pra plantar melancia, feijão, arroz, a gente sempre plantava essas coisas. Por isso que minha gente foi lá para o Capote, que é uma ilha. Nesse tempo ainda todos os Kambeba falavam na língua. Era difícil saber dizer, assim, "boa tarde", só era na língua. "...ya na-caruca".

Assim era a nossa palavra. Só na língua Kambeba que a gente falava.

No Capote nossa aldeia era grande. Vivemos muito tempo lá. Aí, quando eu tinha 12 anos minha mãe morreu. Uns anos depois meu pai quis sair de lá. Desceu só mesmo a minha família, o resto ficou morando lá no Capote.

Com 22 anos eu conheci Assenciona, porque eu andava sempre por lá onde ela morava, aí nós gostamos um do outro e casamos. Isso foi em 1942.

Ficamos morando no Alti-Paraná e os filhos nasceram quase todos lá mesmo. Meu pai morreu quando eu tinha 22 anos e depois subimos o rio, lá para São Paulo de Olivença. Passamos quatro anos lá onde morava o pessoal da Assenciona. Meu sogro ainda era vivo.

Depois teve aquela epidemia de tuberculose, morreu meu sogro, meu irmão e eu fiquei triste. Aí descemos para o Alti-Paraná, município de Fonte Boa. Lá ficamos 10 anos.

No tempo que nós morávamos no Alti-Paraná ninguém falava mais a língua. E nós paramos de falar por medo. Nós deixamos de falar a língua porque o branco não deixava. Se a gente não falasse direito era perseguido. Naquele tempo índio não tinha valor. Não tinha não, era dominado. E olha, foi assim sem falar muitos anos. Por isso hoje quase ninguém mais sabe falar. Hoje nós temos que aprender de novo a nossa língua. Esses mais novos não aprenderam a conversar, assim, na palavra dos Kambeba.

Dali do Alti-Paraná nosso povo saiu porque estava muito distante das aulas, não tinha quem ensinasse. Nós vivíamos longe de tudo. Lá não tinha hospital, não tinha nada. Era muito longe. Então baixamos para Fonte Boa diretamente. Depois de ficar um ano lá descemos já pra aldeia do Jaquiri.

Organizamos a nossa aldeia, abrimos nossos roçados, plantamos frutas.

Aí, em 1982, houve aquela Assembléia Indígena na aldeia do Miratu. Depois de escutar muita coisa naquela Assembléia é que nós deixamos saberem que nós somos Kambeba de verdade. Antes ninguém dizia que era índio, porque tinha medo.

Aí foi o tempo que nós fomos lutar para reconhecer o Jaquiri. E conseguimos demarcar, graças a Deus. Aí no Jaquiri os filhos casaram.

Depois de uns anos uma grande cheia pegou o nosso bananal e nós tivemos um grande prejuízo. Conseguimos do banco, como indenização, a terra do Igarapé Grande, e umas famílias saíram do Jaquiri e se mudaram pra lá. No Jaquiri é sempre bom de peixe, e no Igarapé Grande dá muita castanha, aí ficou melhor pra gente quando conseguimos garantir as duas terras.

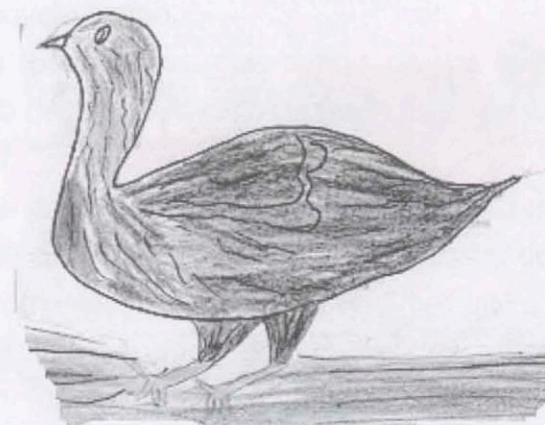
Moramos 10 anos no Igarapé Grande. Então eu adoeci e fui para Manaus. Depois de um ano viemos pra esta terra onde estamos agora. O resto desse pessoal veio atrás de mim. Isso foi em 1992. Passamos bem e hoje já estamos sendo reconhecidos como "aldeia Nossa Senhora da Saúde". Até em Brasília a nossa notícia já está chegando.

Além de nós, daqui desta aldeia, tem muito Kambeba vivendo por aí. Tem Kambeba no Jaquiri, no Igarapé Grande, na Barreira do Meio, no Capote e por aí tudo. São mais de 700 Kambeba que tem hoje em dia vivendo assim mesmo, do nosso jeito.

VALDOMIRO CRUZ

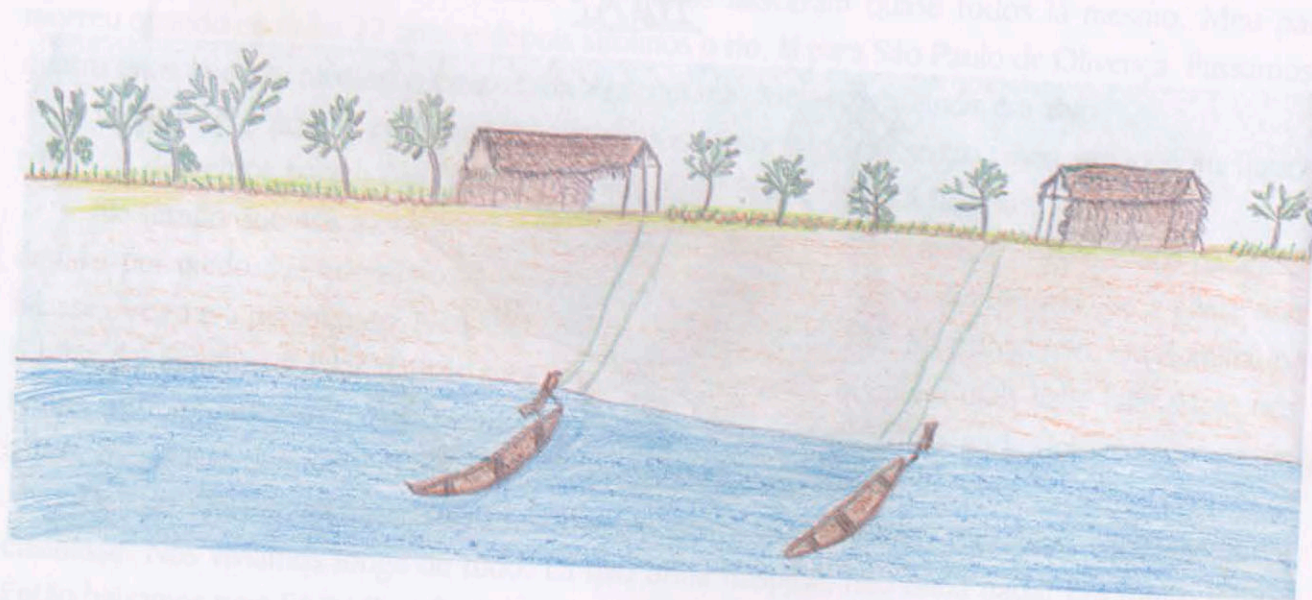
TUXAUA DA ALDEIA NOSSA SENHORA DA SAÚDE

IVACU



Marlete Cruz da Costa Kambeba

A história da nossa aldeia



Meu nome é Diamantina, mas aqui me conhecem por Babá. Eu vou contar como foi que nós começamos essa aldeia aqui:

Nossa aldeia foi formada em 1991. Antes nós, os Kambeba, morávamos todos lá no Médio Solimões.

Quando o papai, que era tuxaua do Igarapé Grande, adoeceu ele foi para Manaus. Lá ele ficou com a mamãe uns meses. Foi quando o Paulo, sobrinho do papai, falou que tinha este terreno aqui no Cuieiras e que ele podia vir para cá. Viemos pra esta terra em novembro de 1991. Diz que aqui tinha peixe e bicho de casco que só!

Quem primeiro morava aqui era o Carvalho, a Rosa e as crianças deles. Eles tinham uma casa aqui há mais de 25 anos. Aí viemos eu, o Valdemir e os nossos filhos: o Tonho, o Zildo, o Adelcio, a Neurelene e o Divino. Nós limpamos a frente da área e levantamos um tapiri. E já começamos logo a capinar para fazer roça.

A gente estava acostumado a plantar assim, na beira. Aí plantamos mas não nasceu foi nada. Então começamos a derrubar a mata aqui atrás da casa. Com quinze dias queimamos o mato, limpamos tudinho e plantamos as roças.

Neste tempo não tinha nada de fruta, só mato mesmo e tucumã-y.

A gente foi ajeitando o tapiri e trançando folha de palmeira para fazer as paredes. Neste tempo começou a chegar turista por aqui. Toda semana aparecia turista e nós começamos a fazer todo tipo de colar e anel para vender para eles. A gente fazia colar de pururuca, tento e caroço de tucumã-y.

Esse tempo foi difícil, não tinha comida quase. Ainda que nós tínhamos trazido lá do Igarapé Grande muita comida: farinha, banana, massa seca. Deu pra comer um tempão. Quando acabou a comida a mandioca ainda não estava madura. E também muitas mudas que a gente tinha trazido não pegaram aqui. Morreram as manivas de macaxeira e os filhos de banana todinhos.

Em março de 1992 o papai e a mamãe vieram morar aqui na aldeia. Com eles vieram minhas irmãs, a Cosma e a Maria José com os filhos: Tomé, Mário e Felipe. Também vieram com eles o Domingos e a Teca, com os filhos: Graça, Maria Lúcia, Francisco, Gelson, Marlete, Mara, que eram todos solteiros naquele tempo.

Começamos morando todos juntos, mas depois de uns quinze dias o Domingos tinha construído a casa para família dele. Depois cada família foi fazendo sua casinha, até ficar assim do jeito que é hoje.

Em 1994 a escola aqui da aldeia foi construída com a ajuda da comunidade toda.

Quando os filhos foram casando a aldeia aumentou. Passou de três famílias para doze.

Depois, em 1997, a comunidade se reuniu e decidimos que aqui seria a nossa terra e que nós queríamos ficar morando aqui mesmo. Aí o papai procurou a Funai para começar a demarcar a área para os Kambeba.

Se a demarcação sair como nós estamos pedindo, a nossa área vai ser essa parte onde estão as casas e mais um pedaço lá para o fundo, que é terra devoluta.



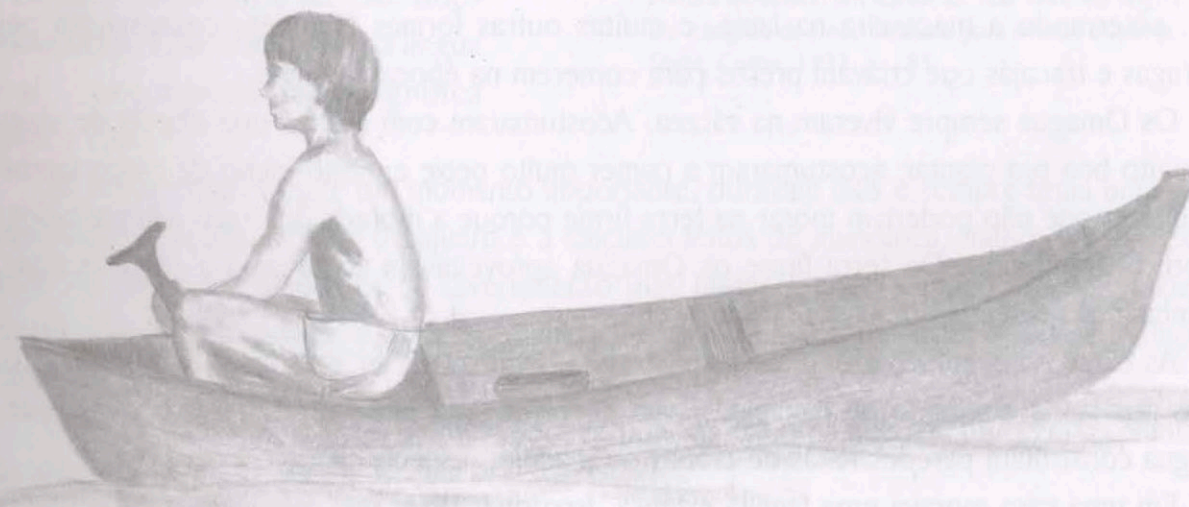
Vânia Lima dos Santos



Zildo Cruz da Silva Kambeba

SEGUNDA PARTE

Assim somos nós, os Kambeba



Iara Tatiana Bonin

A história antiga dos Kambeba

Os Omagua, que hoje são chamados de Kambeba, foram um dos maiores e mais importantes povos que moravam nas terras de várzea do Amazonas. Muitos viajantes europeus que passaram por aqui antigamente ficavam espantados com o tamanho das aldeias e das plantações que os Omagua tinham.

Os Omagua plantavam alimentos de muitos tipos, a mandioca e o milho eram a base da alimentação, mas também plantavam muita banana, macaxeira, batata doce, amendoim, feijão, abacaxi entre outras frutas. Cultivavam também tabaco, urucum, cabaça e algodão.

O algodão eles usavam para fazer roupas que eram elogiadas por todo mundo pela beleza do tecido e das cores da pintura. Vestiam-se muito bem e ainda faziam roupas pra trocar por produtos com outros povos da região. Quem fiava, tecia e pintava os tecidos eram as mulheres Omagua.

No tempo da cheia eles não plantavam porque suas terras ficavam alagadas, mas não faltava comida porque os Omagua sempre tiveram técnicas de guardar os alimentos, fazendo farinha, beiju, enterrando a macaxeira na lama, e muitas outras formas. Também costumavam pegar tartarugas e tracajás que criavam presos para comerem na época da cheia.

Os Omagua sempre viveram na várzea. Acostumaram com a terra que depois de alagada fica muito boa pra plantar, acostumaram a comer muito peixe e muito bicho de casco também. Eles diziam que não poderiam morar na terra firme porque a morada dos seus antepassados foi sempre o grande rio. Da terra firme os Omagua aproveitavam só mesmo a caça, o açaí, a castanha e as madeiras que eles tiravam.

As casas eram enfileiradas à margem do rio, costumavam ser grandes e retangulares, com portas nos lados e telhado de palmeira. Eram diferentes das casas de outros povos porque os Omagua construíam paredes feitas de tábuas de madeira, especialmente o cedro.

Em uma casa morava uma família extensa, isso quer dizer que moravam o pai e os filhos casados, cada qual com sua família. Eles plantavam, trabalhavam, faziam as coisas sempre juntos.

Um viajante europeu chamado Acuña escreveu que muitas das aldeias dos Omagua eram dentro das ilhas que existem no rio Amazonas. Isso era uma forma de se protegerem dos ataques dos índios da terra firme. Como eram só os índios da beira que sabiam fazer canoa, os outros não conseguiam invadir as aldeias que ficavam nas ilhas.

O território dos Omagua era muito grande, com mais ou menos 700 quilômetros de comprimento ao longo do rio. Antigamente a terra deste povo começava lá no Peru e ia até São Paulo de Olivença, no Alto Solimões. Depois eles vieram descendo o rio e em 1600 a região do Altí-Paraná ficava dentro da terra dos Omagua.

É difícil dizer quantos Omagua existiam aqui, mas em 1500 eram mais de 400 aldeias e cada aldeia tinha de 700 a 3.000 pessoas.

Para se diferenciar dos povos da terra firme, os Omagua achatavam a cabeça. Eles faziam isso quando a criança era ainda muito pequena. Amarravam na testa dos bebês uma pequena prancha ou um trançado de junco amarrado com um pouco de algodão para não machucar a criança. Depois a criança era colocada dentro de uma pequena canoa que servia de berço. Deste modo, a cabeça ia ficando achatada devagarinho. Esse costume era valorizado, para os Omagua assim é que era bonito. Eles mangavam dos povos da terra firme dizendo que tinham a cabeça redonda como uma cuia.

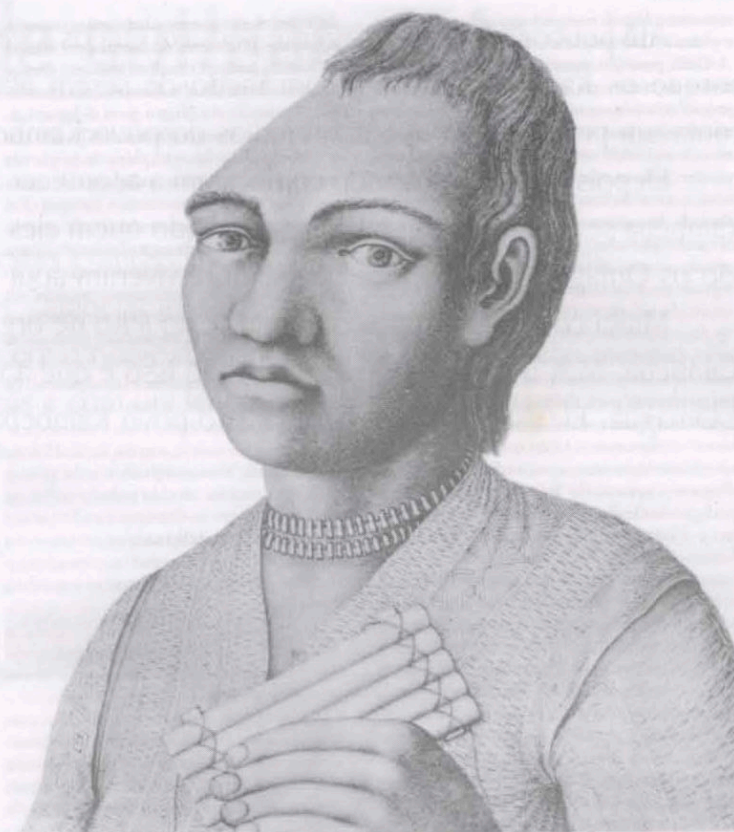
Por causa deste costume é que os Omagua passaram a ser chamados de Kambeba. Esse nome veio da língua geral - *canga-peba* - que significa "cabeça chata".

As festas eram sempre um momento importante, duravam dias e sempre tinha uma grande quantidade de bebidas como o pajuaru e a caçuma feitos de mandioca, milho, batata doce ou cacau. As festas eram tempos de divertimento mas também era o espaço onde se faziam as alianças com outros povos, e onde se planejavam as formas de defender a aldeia e atacar os inimigos.

Os rituais e festas serviam também para agradar os espíritos que iam proteger as plantações e as aldeias durante o ano.

Os Kambeba eram conhecidos por todo canto por serem bons navegadores, saber fazer canoas fortes e conhecer bem as águas. Eles eram muito respeitados porque eram grandes guerreiros.

Aqui no Amazonas a invasão das terras aconteceu pelo rio, por isso os Kambeba, que viviam na margem do rio, sofreram diretamente com a chegada dos brancos. Muitos fugiram para



Pintura retratando um Kambeba. Nas mãos ele segura um trançado de junco utilizado para achatá-la.
Fonte: Cunha, 1992, p. 183

longe, nas cabeceiras dos rios, ou para a terra firme, onde não gostavam de morar. Outros ficaram e foram tratados como escravos pelos europeus.

Desde 1600 os religiosos já entraram nas aldeias dos Kambeba, começaram a catequizar e o povo foi se tornando católico.

O povo Kambeba foi diminuindo cada vez mais, morrendo de doenças, fugindo pra longe e deixando pra traz tudo o que eles construíram e todo o conhecimento que tinham da vida na várzea.

Até pouco tempo, muita gente pensava que os Kambeba não existiam mais. E isso aconteceu porque os Kambeba estavam com medo de serem atacados e maltratados, por isso eles não contavam pra ninguém que eram índios do povo Kambeba.

Depois de 1970, quando começaram a acontecer as Assembléias e encontros indígenas, os Kambeba se apresentaram outra vez dizendo quem eles eram. Aí todo mundo conheceu que eles são os Omagua, os Kambeba que sempre viveram aqui nas terras da Várzea.

Muita coisa mudou nos costumes e no jeito de organizar a vida e o trabalho nas aldeias dos Kambeba. Mas o mais importante de tudo isso é que a lógica de viver e a identidade deste povo é Omagua. Eles são o povo das águas, o povo Kambeba.

TEXTO ESCRITO POR
IARA TATIANA BONIN,
MEMBRO DO CIMI E
ESTUDANTE DE
MESTRADO DA UNB



Figura de um Kambeba segurando nas mãos o dardo, que segundo cronistas era utilizado nas caçadas e na guerra e arremessava flechas com muito mais força e precisão. (Fonte: Cunha, 1992, p. 179)

Danças de antigamente

Antigamente os Kambeba faziam festas grandes, tocavam yupanas e dançavam. Yupanas eram as flautas feitas pelos Kambeba mesmo.

Nas festas se dançava timayti. Esse era o nome da dança, dança dos Kambeba mesmo. No timayti o cavalheiro dança com duas damas e com um lenço. Tanto as damas quanto o cavalheiro abanam o lenço assim, dançando timayti.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA E ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA



Mário Cruz Kambeba

Assim nós moramos

Antigamente também era assim.

Todo tempo Kambeba sempre foi plantador e pescador.

E isso eu digo verdade mesmo, não tem terra como da várzea. Kambeba já morou em terra firme, e deixamos porque o Kambeba gosta de água mesmo.

Antigamente os nossos parentes moravam assim mesmo, as casas todas na beira do rio, tudo pelas cabeceiras do rio, nas cachoeiras. Tomavam banho lá nas água das cabeceiras, bonitas águas. Sempre assim, morando e plantando na beira do rio e nas ilhas.

Todo mundo sabe, está na lembrança, que nós somos índios mas não do centro da mata. Nós somos gente da beira do rio.

Índio Kambeba, aruanã, tartaruga, peixe boi, era alimentação. Garapa de cana, chicha de milho, caçuma de macaxeira, arroz e feijão que o Kambeba sempre plantou.

Todo tempo morava assim como nós estamos aqui. Só que hoje nós temos alumínio, naquele tempo não tinha. Folha de tacana, palha de açai, caranã essas coisas cobriam casa dos Kambeba. Mas toda vida nossas casas tiveram paredes de madeira.

De manhã cedo quando acordava, tinha caçuma pra beber.

Para tudo se falava na língua. Hoje ninguém fala mais.

Hoje se fala em café, coisa e tal. Naquele tempo cozinhava panela cheia de banana, ou então macaxeira, ou fazia pamonha de milho.

Assim viviam os Kambeba antigamente, desse jeito que eu estou contando.



Eliete Cruz Dias Kambeba

DIVERSOS AUTORES



Rosilene dos Santos Cruz Kambeba



Tomé Cruz Kambeba

Nossa escola

A primeira escola que tivemos dentro da nossa aldeia foi no Jaquiri. O primeiro professor foi o André. Aí começou a ensinar todos, os grandes e também os pequenos. De lá pra cá todos os lugares onde nós moramos teve escola nossa mesmo.

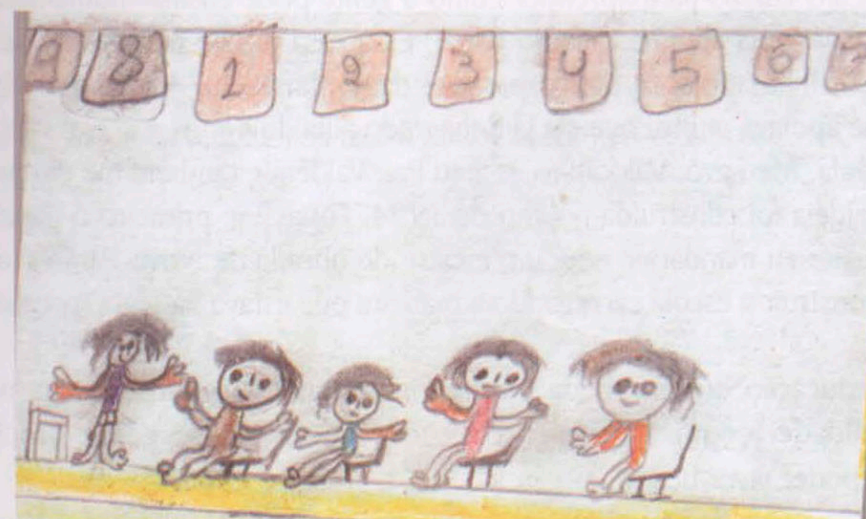
A escola é importante pra adquirir os conhecimentos de letra: escrever e ler, fazer uma conta.

O conhecimento dos costumes é em casa que aprende. É assim, na vida mesmo, o pai vai ensinando os meninos, leva junto pra trabalhar, pra pescar, para caçar, vai ensinando alguma coisa de administração da vida, respeitar os outros, trabalhar junto, conhecer tudo. Aí o menino já vai crescendo naquele costume.

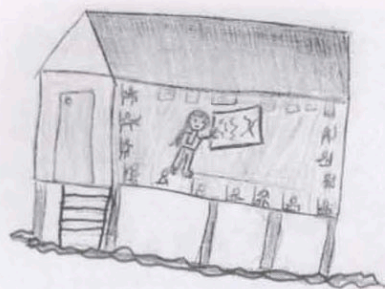
É assim, com a ajuda de todos nós, que essa meninada vai se fazendo, sabendo viver como Kambeba. Aprende a trabalhar, fazer roçado, fazer farinha assim como nós fazemos aí.

A menina é do mesmo jeito, vai aprendendo com os trabalhos da mãe dela. Vendo como é que ela faz e fazendo junto. Quando ela estiver moça tem que saber fazer todos os trabalhos de mulher.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA,
ASSECIONA CRUZ KAMBEBA E
VALDEMIR DA SILVA



Divino Cruz dos Santos Kambeba



Mara Cruz Braga Kambeba

A escola da aldeia

Nossa aldeia foi atrás de fazer uma escola porque os Kambeba não são acostumados a viver sem uma escola. Desde que nós chegamos lá no Médio Solimões que sempre nós temos escola na aldeia, e com professor do povo Kambeba mesmo.

A escola é muito importante porque nossos filhos estão aprendendo a ler, escrever, e principalmente falar a própria língua.

O professor para trabalhar na nossa escola tem que ser Kambeba mesmo. Ele tem que estar entrosado com a vida da comunidade, viver como nós.

O professor tem que ensinar bem, ter paciência.

Numa sala de aula ele faz de todo jeito para o aluno aprender, se explica de um jeito e não entende ele tem que explicar de novo, de outro jeito.

Aqui na aldeia o professor é o Raimundo. Ele foi escolhido e apoiado pela comunidade.

Agora ele vai contar como foi no começo:

"pra eu me tornar professor a comunidade me escolheu e começou a me apoiar, só que a Secretaria de Educação não queria aceitar porque eu era muito novo. Na época eu tinha 14 anos. Ainda bem que o prefeito teve uma compreensão e falou para o secretário de educação que me aceitasse como professor indígena que era a comunidade que estava apoiando. A comunidade tinha escolhido.

Eu já estava ensinando alunos da aldeia antes disso, e depois que a escola foi reconhecida eu participei de alguns cursos para aprender como a gente pode ensinar numa sala de aula.

Eu comecei a dar aula aqui na casa do papai. Essa casa era de palha na época.

Pra ensinar eu tinha apoio de outras pessoas daqui da aldeia. A mamãe, Diamantina, era uma pessoa que me apoiava muito, que ela já tinha dado aula dois anos e aí ela sabia como é que a gente dava uma aula. Meu avô, Valdomiro, e meu Pai, Valdemir, também me deram muito apoio.

A escola da aldeia foi construída no ano de 1994. Foi assim: primeiro o papai foi atrás pra conseguir autorização. Aí mandaram aqui um mestre de obra lá de Novo Airão e a comunidade todinha ajudou a construir a escola carregando a madeira que estava na mata, pregando, enfiando os esteios.

Pra mim, a educação dos Kambeba é muito importante. A educação que nós damos na família, na comunidade, como também a educação da escola. A gente precisa de maior conhecimento pra poder viver bem na nossa aldeia."

VALDEMIR DA SILVA E
RAIMUNDO CRUZ DA SILVA KAMBEBA

Nossa padaria

Esse projeto a gente tinha desde o tempo que vivia no Igarapé Grande.

Quando viemos para cá, aqui chegou um bocado de neto, e tinha que trazer pão de Manaus. Banana, macaxeira, pupunha aqui não tinha. Aí o jeito era a gente comer pão.

Aí foi o tempo que a comunidade se reuniu para fazer o forno. Todo mundo, aqui, desde menino pequeno, todos mesmo ajudaram a carregar barro pra fazer o forno. Quando ficou pronto começamos a fazer pão pra comer aqui na aldeia.

Pra fazer a massa eu comprei o trigo. O mestre mesmo de pão foi o Domingos. Ele é que ensinou.

O Domingos aprendeu a fazer pão no tempo que ele trabalhou lá em Tefé com um padeiro.

Quando começamos a fazer pão era só para nós mesmo, mas depois começamos a vender pra essas comunidades aqui de perto tudinho.

Aqui na aldeia a gente fez um acerto. Eu disse:

— olha, são cinco quilo de trigo que usa pra fazer pão que dá pra distribuir com os que trabalham e pra todas as famílias da aldeia. Agora, se alguma família quiser mais pão aí vai ter que comprar, que é pra poder comprar de novo o trigo. Nós vamos fazer um pouco também pra vender pra fora. Com o dinheiro nós compramos trigo outra vez.

— Tá bom, disseram.

É assim que funciona, porque se nós comemos tudo de onde é que nós tiramos, né? Então ficaram satisfeitos.

Quando algum quer comprar mais e não tem dinheiro paga com farinha de mandioca, banana, bicho de caça, cará, fazemos assim também com os vizinhos.



VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA E
DOMINGOS DA COSTA KAMBEBA

Marlete Cruz da Costa Kambeba

O que faz um tuxaua kambeba

Eu, como tuxaua, administro esse pessoal tudinho. Eles me atendem e gostam de mim. Eu dou conselho, chamo eles, aconselho sobre o trabalho, sobre como levar uma organização, isso tudo.

Isso aí que é o trabalho do tuxaua. O tuxaua tem que reunir o pessoal. Tem que acolher quem chega na aldeia.

Agora estou preparando o professor, o Tonho, pra ele ser o tuxaua da aldeia aqui. Mas eu já estou preparando ele pra ficar no meu lugar. Quando vier a demarcação de terra ele que vai assinar como tuxaua.

Eu já estou dizendo para o Tonho que pra ser tuxaua tem que ser trabalhador, tem que trabalhar mais um pouquinho do que os outros.

O tuxaua tem que andar pra todo canto e trazer coisas boas pra dentro da aldeia. Por isso que o tuxaua sempre trabalha mais do que os outros.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA



Maria Lúcia Braga Kambeba

Nossas festas



Rosilene dos Santos Cruz Kambeba

Seu Valdomiro conta das festas de antigamente:

Nas aldeias de antigamente os Kambeba tocavam flautas nas festas.

As flautas eram assim: tinham flautas que eram feitas de várias canas de bambu, com tamanhos diferentes, amarradas umas nas outras tipo jangada. Essas flautas a gente chamava de *yupana*.

Quando eu era menino ouvi muito tocar yupana, mas nunca aprendi a tocar.

O meu irmão tocava numa flauta de osso de tuiuiu, o nome era *pifano*. Tocava aquela música de dançar timayti. Ia no assopro e cantando também o timayti. Ele tocava e eu, com a mulher dele, dançava ensinado os meninos.

Quando é pra dançar diretamente o timayti é duas damas, uma dali, outra dali e a gente sozinho.

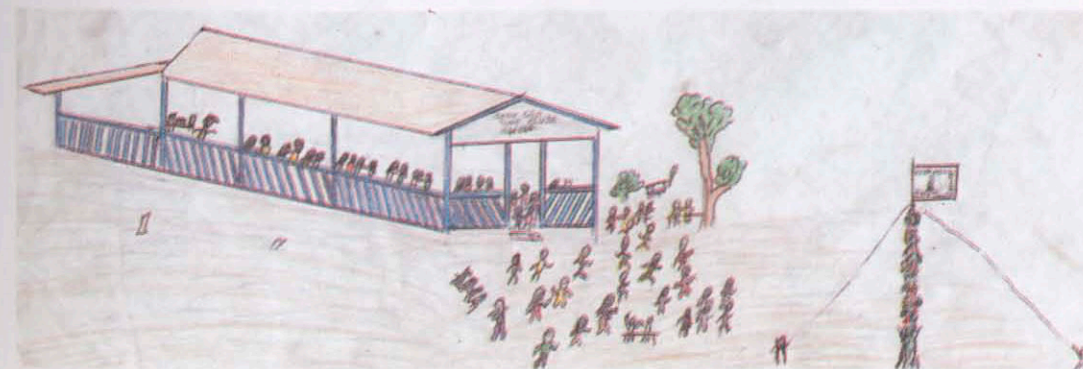
Se essa meninada quiser aprender ainda eu dou conta de ensinar.

E tinha também outra dança que chamava masuca. Essa a gente dançava agarrado mesmo.

Antigamente tudo a gente dançava muita dança, mas agora ninguém mais sabe. As mulheres de antigamente todas sabiam dançar nas festas

Na nossa festa hoje também tem dança, só que agora é esse forró, que os meninos tocam num aparelho. Aí dança também.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA
ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA



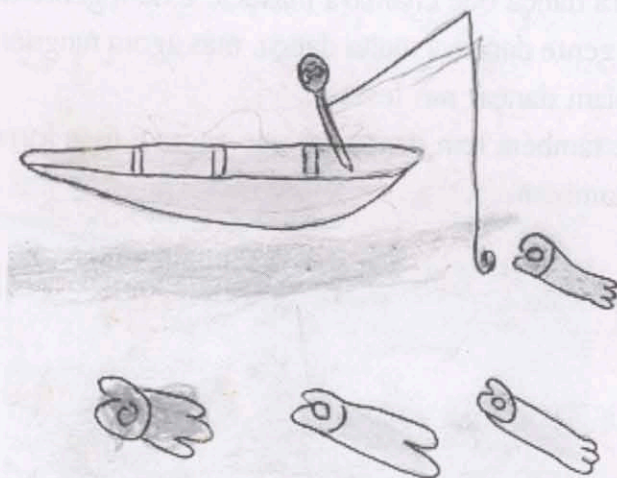
Francisco Cruz da Costa Kambeba

Festas religiosas

Os Kambeba todo o tempo foram católicos. Antigamente a gente não sabia nem quase se benzer, mas era católico.

Estas festas que nós fazemos aqui já vem de muito tempo. Isso veio trazendo dentro da nação mesmo. Festa de São Tomé, de São Sebastião, tudinho a gente também fazia lá no Capote. Do mesmo jeito, hoje, a gente festeja os santos que são os padroeiros de todas as aldeias Kambeba. Neles a gente confia mesmo!

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA



Reginaldo dos Santos Kambeba

Ajuri

Em toda aldeia dos Kambeba a gente mantém esse costume de fazer ajuri.

Ajuri é quando se convida todo o pessoal da comunidade pra fazer o roçado de uma família, aí naquele dia todo o pessoal colabora: um leva farinha, outro leva peixe, outro leva o que tiver, aí vai almoçar na casa da pessoa que chamou o ajuri.

Aí fazem umaroça de uma quadra, duas quadras quando não vão derrubar, vão abrir roçado novo.

Todo mundo ajuda e desse jeito o trabalho vai mais depressa.

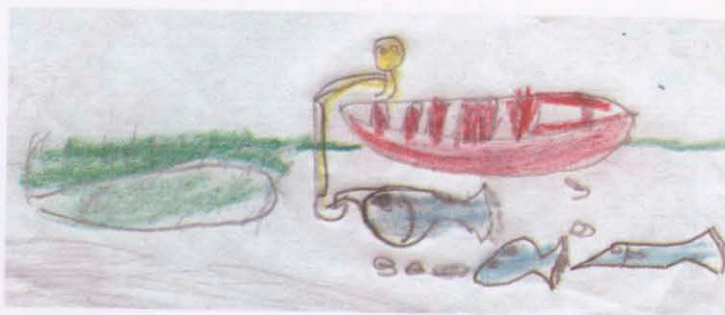
Ano passado a gente fez mais ou menos uns dez ajuris aqui na aldeia Nossa Senhora da Saúde. Agora olha quanto roçado nós temos!

RAIMUNDO CRUZ DA SILVA KAMBEBA



Tomé Cruz Kambeba

Ralilson
Cruz Dias
Kambeba



Assim nós fazemos nossas canoas

Pra fazer canoa, primeiro a gente escolhe a madeira.

Pode ser qualquer pau como jacareúba, tanhembuca, cuareúba, louro nambuí, essas assim ou o que tenha na mata.

Depois que escolhe a árvore a gente derruba. Aí mede quantos palmos a gente quer pra canoa, e atora.

Tem árvore que dá mais de uma canoa, tem outras que só dá uma mesmo.

Depois que atora a gente vai cavando e formando a costa da canoa, vai fazendo o jeito da canoa. Faz isso com o machado. Aí vira ela e vai cavar por dentro. Cava de machado no começo, depois pega o ferro goiva, que serve pra cavar mais fundo. Cava até que fica do jeito.

Aí depois a gente vai fazer um estaleiro: Tira as varas, os paus, vai fazendo o camaleão. Aí tira quatro forquilhas, duas travessinhas.

Quando o estaleiro tá montado a gente bota a canoa em cima de boca pra baixo e faz fogo embaixo. Faz isso que é pra madeira ficar mais mole. Com uma hora e meia a gente vira a canoa de boca pra cima, pega as tesouras e coloca nos lados, amarra o cipó na tesoura, passa pelo camaleão e vai puxando devagar. Vai puxando para alargar a boca da canoa.



Ralilson Cruz Dias Kambeba



Criança
Kambeba

Puxa primeiro uma tesoura, depois a outra, puxa de um lado, depois do outro, e vai abrindo devagar a canoa.

Pode passar também óleo queimado que é pra madeira ceder sem rachar.

Depois que já abriu o tanto certo, aí a gente coloca os ponta leite, e deixa lá. Mas tem que apagar o fogo, senão no outro dia chega lá só tá a cinza.

No outro dia volta e vai nesgar: pega uma linha e passa no óleo queimado. Depois amarra passando bem no meio da canoa. Aí puxa e bate a linha na borda da canoa pra marcar a beira. Daí vai tirar a beira da canoa de machado, até nivelar com a linha.

Quase pronta! Falta só limpar a canoa por dentro, por fora, colocar proa, popa, colocar banco, quilha. Pode plainar a beira pra ficar lisa ou colocar outra madeira pra reforçar.

Ainda falta calafetar com breu: derrete ele e tempera com óleo queimado e aí vai calafetando.

Agora é só largar a canoa no rio e sair remando.

E o remo também a gente faz aqui mesmo na aldeia.

ZILDO CRUZ DA SILVA KAMBEBA

É assim que a gente pesca na aldeia

Aqui na aldeia a gente pesca de muitas maneiras

Pesca de caniço

de linha,

de zagaia,

de bifa

de espinhel

de penca

À noite a gente sai pra fachiar.

Leva lanterna, zagaia e sai de canoa lá pra dentro do igarapé.

TOMÉ CRUZ KAMBEBA



Dico Kambeba



Maria José Cruz Kambeba

Comidas kambeba

Mujica

A mujica, a gente faz que nem mingau.
Descasca a pupunha, prepara o peixe.
Depois raspa a banana,
aí bate bem dentro daquela água,
aí coloca dentro daquela água fervendo,
depois bota o peixe, tempera,
aí tá pronta a mujica.



Renato Kambeba

Fani

Fani é a comida do Kambeba.
Quando a gente era pequeno só comia isso mesmo.
Pra fazer fani a gente pega a macaxeira, aí a gente rala.
Depois amassa bem amassadinho,
aí tempera já aquela massa.
Aí vai tirar folha de pariri,
bota o peixe dentro daquela massa assim bem direitinho.
Depois enrola que nem pamonha,
aí bota pra cozinhar.
Depois que cozinhou é só a gente comer.



Dico Kambeba

Mandioca

Com a mandioca a gente faz muitas comidas
Sempre nós plantamos roça grande de mandioca que é pra não faltar nunca farinha.
E tem dois tipos de farinha que nós fazemos: a farinha d'água e a farinha seca.
Pra fazer a farinha d'água a gente faz assim:
Arranca a mandioca e bota na água,
Com três dias a gente tira e a mandioca já tá bem mole. Essa é a puba
Aí arranca mandioca dura pra misturar e descasca.

Depois a gente ceva, mistura a puba com a mandioca dura.
Depois bota na prensa. Aí passa a noite.
Quando é no outro dia, a gente tira e passa na peneira.
Depois é só torrar no forno que tá pronta a farinha.

Pra fazer farinha seca a gente arranca a mandioca e seva no mesmo dia. No mesmo dia prensa e torra, aí tá pronta. A gente guarda a farinha muito tempo, sendo bem torradinha não estraga, dura mais de ano.

Antigamente os Kambeba faziam aqueles paneiros, aí forrava com folha de bananeira e colocava dentro a farinha pra guardar.

Depois de cheio o paneiro, aí cobria com folha de bananeira também e costurava uma tampa em cima. Assim mesmo que papai fazia e a farinha durava tempos.

Da mandioca dá pra fazer também bolo. Depois que rala a mandioca a gente amassa bem, bota no sol, aí a massa fica branquinha, aí bota no forno e faz bolo.

Da mandioca a gente tira também a goma.

Com a goma dá pra fazer tapioca, dá pra fazer farinha de tapioca e também dá pra fazer tacacá.

Tacacá

Quando vai fazer o tacacá tem que primeiro tirar o tucupi da mandioca. Tem que deixar o tucupi no pote até ficar aquele amarelo por cima. Depois pega e ferve bem. Aí bota temperos e usa a goma pra botar misturado quando vai beber o tacacá.

Pé-de-moleque:

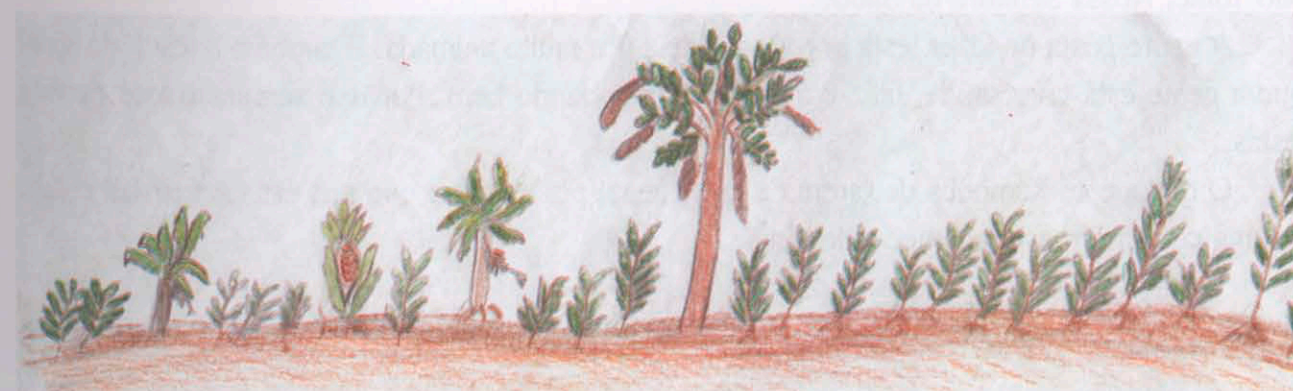
O pé-de-moleque a gente faz de mandioca.

A gente bota a mandioca na água e aí faz a massa.

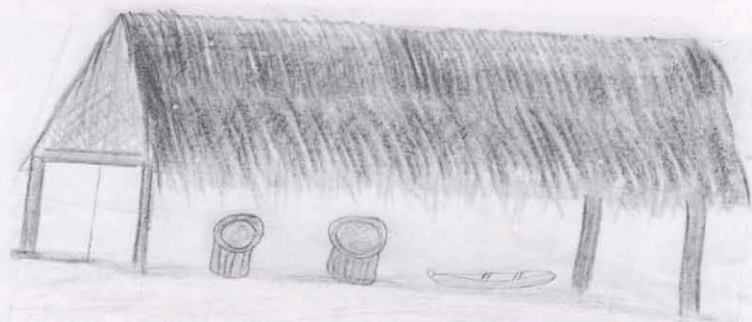
Depois lava a massa bem e espreme aquela massa pra tirar todo o tucupi.

Aí a gente faz aqueles bolachão e bota pra escaldar no forno. Aí depois de escaldado tira, amassa e coloca açúcar, óleo, cravo, aí é só socar o pé-de-moleque.

MARIA DE FÁTIMA CRUZ KAMBEBA E ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA



Marlete Cruz da Costa Kambeba



Adelson Cruz
da Silva
Kambeba

Pajuaru

Para fazer pajuaru a gente arranca a mandioca, seva, depois deixa a massa aí. No outro dia espreme, faz beiju e torra.

Depois coloca água no fogo e quando está fervendo a gente pega o beiju torrãozinho e mete dentro. Quando ficar bem molinho vai tirando.

Estende a palha e vai deitando todos os beijus ali dentro. Depois pega a folha de maniva torrãozinho e socada e espalha por cima.

Pronto, agora pode fechar a palha.

Deixa passar três dias. Daí já vai estar cheirando, então pode tirar da palha. Coloca tudinho numa vasilha, depois vai colocar na água e vai peneirar. Quando terminou de fazer isso, coloca pra fermentar. Daí fica pronto o pajuaru.

Quanto mais tempo fermentando, mais forte ele vai ficar. A gente deixa de três dias até uma semana.

Pajuaru é bebida dos Kambeba mesmo. Nas festas não pode faltar.

E aqui no Cuieiras só nós é que fazemos, mas o pessoal tudinho gosta de beber pajuaru.

Na nossa festa tem muita coisa: A gente bate caixa que é para avisar as outras comunidades que podem vir para festa. Outros vão manobrando a bandeira, e cantando.

Quando chega o pessoal para festa a gente faz a reza. Depois já vai festejar, dançar. Sempre a gente faz comida pra servir para o pessoal e também pajuaru.

Nossas festas são sempre no dia dos santos que são padroeiros da aldeia. São Sebastião, São Tomé, Nossa Senhora da Saúde.

A gente gosta de fazer festa porque a aldeia fica muito animada. E também a festa dá sinal que a gente está com saúde, feliz e a aldeia está andando bem. Por isso sempre temos nossas festas.

O dia que os Kambeba deixarem de fazer festa, pode contar que nós estamos tristes e que alguma coisa ruim está acontecendo aqui.

DIAMANTINA CRUZ KAMBEBA E RAIMUNDO CRUZ DA SILVA KAMBEBA

O chupador

Depois que demarcar a terra vamos fazer um chupador.

Antigamente nossos avós faziam assim:

Roçavam numa baixada e depois colocavam sal. É que a caça gosta de sal, aí ela encontra ali o sal e fica voltando no lugar pra chupar o sal, faz um chupador.

Os antigos deixavam aí, um mês, dois meses, deixavam quieto, sem chegar lá.

Depois eles iam lá ver. Aí vinha anta, cutia, paca, porco. Vinha desde mutum, arara, papagaio, vinha tudo chupar.

A caça descobre o sal, depois ela volta e uma vai trazendo a outra, aí é só a gente controlar pra ter sempre um sal lá.

Com um ano já pode começar a matar. Nossos avós faziam isso. Nós estamos pensando em experimentar esse costume aqui também, pra ver se dá certo.

Vamos cavar lá no fim do igarapé, no rumo da roça. Lá é quieto, e fica perto da água. Aí o bicho vem pra beber e sente o cheiro.

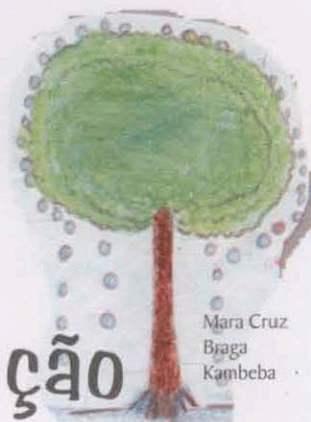
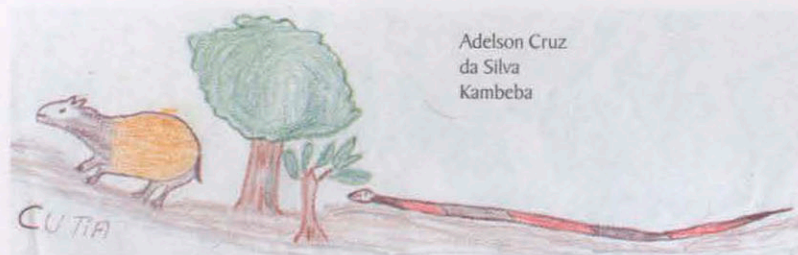
Aí pelo meio deste mato tem caça ainda. Ninguém aperriando eles vem, depois de um ano já estão acostumados, aí pode começar a caçar. Só que pra matar eles tem que ser bem retirados do chupador. Dentro não pode matar porque senão os bichos sentem o cheiro, aí foge.

Depois que demarcar nossa terra nós vamos cuidar disso aí.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA



Criança
Kambeba



Pensando na preservação

Quando nós chegamos essa terra aqui tinha muita fartura.

Só que o tempo era outro. Hoje o pessoal entrou e invadiu a terra e a água. O que aconteceu foi isso.

Naquele tempo aqui tinha menos moto-serra, tinha também pouca gente. E varava anta bem aí, atrás de nossa terra. Aqui no rio, num tempo desses, era cardume de tucunaré na beira.

Mas agora o pessoal danaram a soltar bomba, aí os bichos morreram. Mataram quase tudo!

Eu disse, o que acontece é que morre peixe de todo tamanho e os mais gordos ficam todos mortos lá no fundo. Só bóia um pouquinho.

Essa pescaria de bomba e de malhadeira eu não gosto não, porque acaba o peixe.

Isso se chama pesca predatória.

A pesca predatória é o seguinte: usar malhadeira da malha miúda, usar bomba e tirar o peixe ovado. Eu conheço bem que isso aí é proibido.

Kambeba todo tempo foi preservador. Na nossa terra nós sempre preservamos, e sempre teve muitos tipos de caça. Nossos lagos também sempre tinha desde peixe até bicho de casco.

Então está acontecendo isso hoje por causa da população, naquele tempo tinha menos pessoas, hoje não, é barulho, é gente!

A caça também diminuiu. Essas moto-serra ficam o dia todo na mata, uma zuadeira enorme, daí afasta a caça. O bicho vai embora.

Agora nós temos que pensar em preservar este rio, o Cuieiras.

Nós já estamos conversando, devagarinho, com essas comunidades aí de dentro do rio.

O que nós queremos é fazer um abaixo-assinado para essa área todinha aqui virar preservada. O Ibama pode ajudar nisso daí, mas só que tem que ser o rio todo, desde a cabeceira. Aí tudinho tem que aceitar senão não tem jeito. Por isso cada vez que eu entro aí pra dentro eu vou falando com esse pessoal.

Outro dia eu falei:

— Vocês sabem como matava paca, como pegava porco, cotia, caitetu, pegava o peixe, pegava tucunaré até de linha, e hoje não pega mais. O que foi isso? Isso foi os pescadores e caçadores de fora que invadiram e acabaram o tucunaré, acabaram a paca, acabaram tudo, e aí nós tudinho ficamos sem nada. A gente reclama e se zanga. Se zangar é bom, mas tem que fazer

denúncia que é para o Ibama recolher esses aí que estão fazendo esse estrago.

Mas o pessoal daí de dentro falou que eles não sabem denunciar. Agora eu, eu sei. Eu faço mesmo.

Vai ter muita gente com raiva, porque tem acordo com os peixeiros e tem acordo com madeireiros daqui.

Os Kambeba conhecem bem como é a preservação. No Jaquiri o começo da preservação de lagos fomos nós, os Kambeba, que metemos a cara, quase fomos pra cadeia, e agora hoje todo mundo acreditou que tem valor a preservação.

A mesma coisa nós queríamos fazer aqui, que a situação não está de brincadeira.

Eu falo sempre isso, que já vivemos em muitos lugares, e deixamos lagos preservados, praia com tartaruga, gaivota, tudo cheio.

Assim eu digo pra esse pessoal daqui:

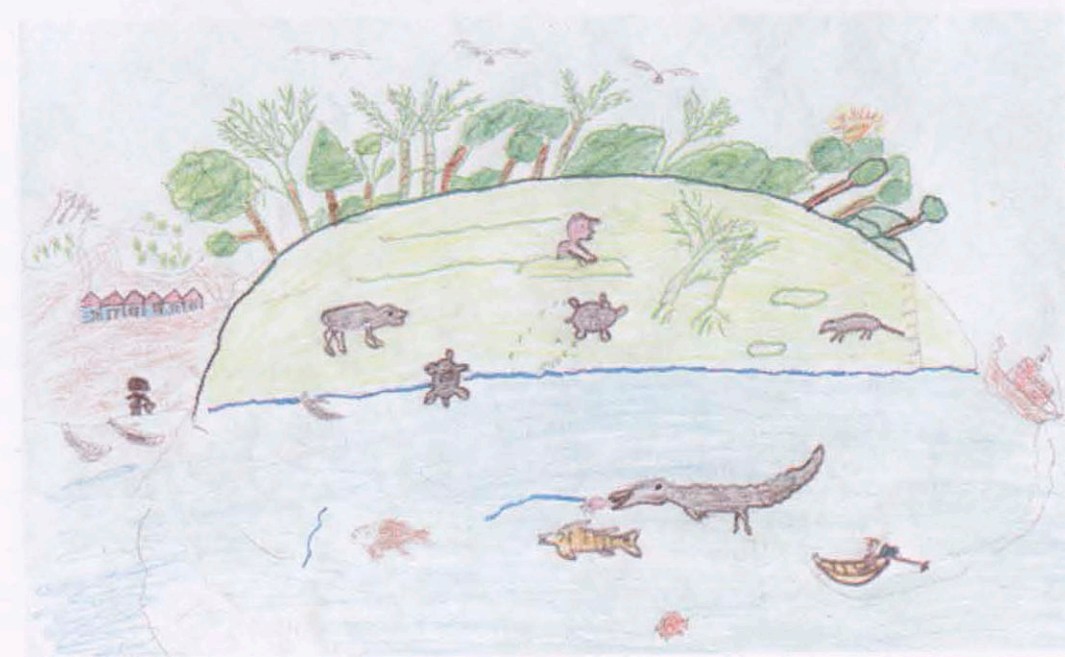
— Olha, pra lidar com preservação tem que estar pronto pra ir pra justiça, pra escutar mentira. Tem que se aprontar porque não é só um nem dois que ficam zangados. Ainda mais se for pra preservar o peixe, a caça e a madeira, aí vai ser peleia mesmo. Pode ter coragem porque senão vai correr do pau.

E também digo para os Kambeba: tem que fazer a coisa direito, sem violência. Não pode contar nenhuma mentira, e tem que explicar tudinho. Pra isso tem que saber o que é a preservação e para que a gente preserva. Então tem que estar informado e daí levar adiante.

Por isso esses meninos precisam estudar, aprender como escrever uma carta, uma denúncia, como falar com uma autoridade, aprender a entender os documentos que pegam na mão, conhecer os direitos.

Preservar pra todos é muito bom. Graças a Deus lá no Jaquiri nós preservamos e agora tem muito peixe. É só pegar o carro de manhã e voltar rapidinho com peixe grandão.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA



Vânia Lima
Kambeba



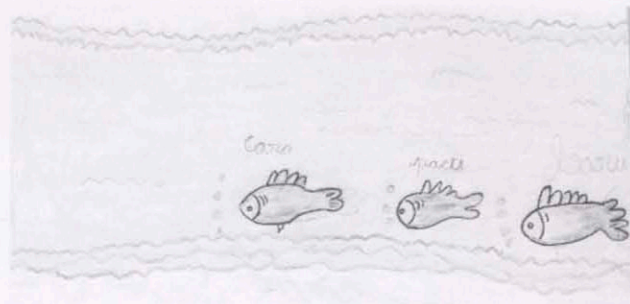
Iara Tatiana Bonin

TERCEIRA PARTE

Histórias contadas pelos mais velhos



Francisco Cruz da Costa Kambeba



Criança
Kambeba

História de pescaria

Histórias c/ parentes antigos

Pra amansar peixe valente o bom mesmo é tabaco. É só passar tabaco na linha e o peixe fica mansinho. Meu pai contava uma história:

Tinha um parente antigo que era bom pescador. Uma vez ele saiu pra pescar com a mulher dele. Já estava indo lá longe mas, quando viu, a cobra grande estava atrás dele. A cobra veio e estava já mordendo a ponta da canoa. Ele remava, remava e a cobra só puxando a canoa pra traz. A água ficava assim como funil.

Aí ele gritou:

— Já mulher, é agora que a cobra vai engolir nós dois.

Aí ele agarrou um pedaço de tabaco e peiii..., jogou dentro do funil d'água. O chumaço de tabaco foi parar dentro da boca da cobra grande. Aí a cobra soltou a canoa.

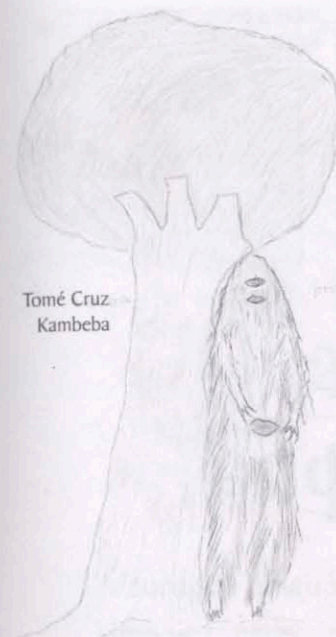
E ai ele disse

— Aí Diabo, conheceu, Diabo?

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA



Francisco
Cruz da
Costa
Kambeba



Tomé Cruz
Kambeba

O mapinguari

O Mapinguari é um bicho grandão, da altura do mato, que tem a boca no bucho.

Quando ele vem vindo ele quebra os paus lá em cima pra ele passar. Aí vai embora, vai passando. Meu pai falava do Mapinguari. Dizia que nesse bicho nem o chumbo entra.

Pra matar o mapinguari tem que esperar quando ele gritar. Tem que atirar na hora que ele grita, que é quando ele abre a boca. Aí tem que acertar dentro da boca dele. É só assim que o chumbo entra, de outro jeito não vai não.

Papai contava uma história do mapinguari:

Diz que tinham dois homens serrando na mata fechada, aí o mapinguari já vinha gritando de lá.

Aí um disse para o outro:

— aí vem um bicho, vamos escutar.

Pararam o motor. Não demora gritou o bicho lá dentro do mato.

O outro disse:

— vamos embora, vamos embora logo que é mapinguari.

Deus me defenda, diz que não tem nada que entra nele, nem bala, nem nada. Diz que quando ele grita o peito dele abre. Só aí é que vai aturar pra matar.

Os dois homens correram. Não demora lá vinha o bicho, gritando, gritando... farejando onde que eles estavam.

Quando o mapinguari chegou perto eles se esconderam atrás de umas árvores. Era o jeito, eles não puderam mais correr. Já estava doendo a perna.

Aí um homem disse para o outro:

— Quando ele abraçar o pau pra pegar a gente tu puxa que eu vou serrar o braço dele.

Olha o tamanho do braço que o mapinguari botou pra pegar eles! Nessa hora um segurou e o outro tchaimmmm... serrou mesmo. O mapinguari ficou só com um braço. Aí queria pegar com o outro braço. Os homens serraram o outro também. Depois queria pegar com o pé, serraram o pé. Assim foi, e quando foram serrar o pescoço a serra não entrou.

Diz que o mapinguari era grandão mesmo. Aí fugiram, e eu nem sei dizer se o mapinguari morreu ou não.

ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA



Vanessa dos Santos

Uma história de curupira

A mamãe mandou eu e minha irmã:

— Vão apanhar feijão minhas filhas, quero que encham esse saco de feijão.

Aí nós pegamos os sacos, botamos na cabeça e fomos embora lá para o centro da mata. Pra passar a gente ia cortando os galhos do caminho.

Eu estava cortando um galho baixinho e quando eu levantei a vista vi, como daqui ali, o curupira. Eu vi ele, peludo, branco igual filho de urupé, com a cara igual a de macaco mesmo, mas só que grande assim. Aí ele olhou pra mim eu gritei chamando minha irmã. Eu nem pude correr mais, só fui rolando pelo barranco.

Minha mãe escutou e chamou meu tio:

— Corre, parece que as meninas acharam cobra.

Aí ele veio encostando a canoa, encostou e nós corremos pra dentro.

Contamos para o titio e ele foi lá em cima olhar. Mas só que o curupira já tinha ido embora. Aí só tinha o rastro onde ele pisou.

Eu nunca vi nada igual, por isso eu fiquei pensando: aquilo lá era o curupira mesmo.

ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA



Raimundo Cruz Kambeba



Dico Kambeba



Dico Kambeba

Quando nós fomos pescar

A curupira ninguém vê não.

Uma vez, estava eu e o Manoel na beira pescando. Daqui a pouco escutamos a curupira, gritando longe, no meio do seringal, e batendo no pau sapupema.

Umás horas da noite caiu um temporal. Nós dois levantamos e desatamos a rede

— Já vem chuva...

— É mesmo.

Aí acendemos uma lamparina e saímos no rumo do vento. Escutamos um assobio forte, no escuro. Estava pertinho mesmo, mas ninguém topou com a curupira. Ela assobia bem forte, que a gente fica quase surdo do ouvido. Era fiiiiiiiiiiiiiii, assobio cumprido.

Eu disse:

— eh bicho!!!

Nós corremos daqui pra lá, de lá pra cá. Eu pensava que era de cima do pau que vinha, mas ninguém viu nada não. Só escutava o assobio bem assim, no meio de nós dois.

Podia ser a curupira, por isso que eu sei que ninguém vê ela não.

Curupira é do seringal, castanhal, madeira, cedro, essas coisas. A curupira cuida, ela bate e assobia, e quando vem a chuva ela abana a sapupema. Ela é a mãe da madeira, é a mãe do mato.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA



Divino Cruz Kambeba

A curupira que encantou uma mulher

Uma vez a curupira encantou uma mulher. A história é assim:

A mulher foi tirar palha de ubim junto com o pai dela. Tiraram bastante e depois arrumaram tudo em feixes.

— Agora vamos carregar, disse o pai dela. Botaram a palha na costa e foram andando.

Chegou mais adiante, lá desmanchou o feixe dela. Ela chamou:

— Papai, desmanchou meu feixe.

Pai dela disse:

— Espera aí que vou deixar mais adiante depois volto pra amarrar.

Pai dela foi, depois voltou, amarrou o feixe e eles já iam de novo. Andaram mais um trecho, não demora de novo desamarrou feixe dela.

— Ah, agora vou deixar mais lá adiante, falou o pai dela.

No momento que ele foi lá mais adiante aí veio curupira disfarçado como se fosse o pai dela.

— Cadê o feixe, papai?

— Eu deixei lá na frente, vamos embora que está pra cá.

Aí ela andou, andou com aquele feixe e não chegava mais.

Longe ela escutou um grito chamando. Só que era o pai dela que estava gritando, mas ela estava seguido o curupira. Mas o curupira falou:

— isso aí é bicho que tá gritando, não liga não.

Ela passou oito dias dentro do mato.

Diz que de noite aquele bicho dormia no toco do pau junto com ela. De dia curupira saía pra caçar. Trazia todo tipo de carne, mas só que era tudo crua. E cada vez o curupira levava ela pra mais longe, cada vez andando mais para o centro. Queria ela pra ser mulher dele, eu acho.

Quando passou oito dias aí ela falou:

— Eu estou com fome. Quero comer peixe.

O curupira saiu e ela ficou ali, parada na beira do igarapé. Foi a valença, porque foi lá que

os irmãos dela conseguiram achar a mulher.

Aí foram oito homens pra conseguir segurar ela e carregar pra dentro da canoa. Ela estava encantada, queria até morder. E era tanta força que estava nessa mulher!

Ela estava já virando curupira. Aí passou sete dias pra conseguir amansar a mulher de novo.

ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA



Eliete Cruz Dias Kambeba



Rosilene dos
Santos Cruz
Kambeba

Um buraco diferente

Outro dia encontramos aqui nesta um buraco que espantou todo mundo.

Quando nós abrimos o roçado, aí fomos cavar pra tirar o toco de uma árvore que ficava no barranco.

Lá no fundo, debaixo do toco, encontramos um oco cheio de água. E dentro d'água estava assim de peixinhos. Era filho de tudo que era peixe, tudo ali, no oco da terra.

Aí ficamos pensando:

— como é que esses peixinhos vieram parar aqui nesse alto? Nunca que o igarapé chega até essa altura.

Aí nós pensamos que acontece desse jeito: os peixes vêm por baixo da terra e desovam nesse oco, que fica escondido. Depois quando os filhos já estão mais fortes já é o tempo da chuva. Chove forte que forma umas corredeiras de água e por elas os peixinhos descem e vão cair lá dentro do igarapé.

Assim que é pra encher o igarapé de peixe.

DIAMANTINA CRUZ KAMBEBA E DIVINO CRUZ DA SILVA KAMBEBA



Maria de Fátima
Cruz Kambeba

Criança
Kambeba



O canamã

Um dia o papai me chamou:

— Vamos lá na mata catar castanha minha filha!

Aí eu fui. Quando nós chegamos lá longe eu vi tamanha quantidade de bichos.

Pássaro de toda qualidade, jacamim, mutum, maracanã, jacu... Macaco de toda qualidade, macaco prego, macaco barrigudo, macaco de cara vermelha...e porquinho, caitetu, queixada de bando. Também veado, anta, cutia, tudo que era bicho mesmo. Tinha de toda qualidade de caça lá naquele buraco.

Era um buraco grande e cheio dessas folhas, parece ocuri. Era alto, empinado o barranco do canamã e tinha uns caminhos fundos assim. Era caminho de bicho descer, de anta, que ela desce sempre pelo mesmo caminho, aí vai só afundando. Os bichos desciam ali pra chupar aquela água que tem gosto de sal, parece.

Perguntei:

— papaizinho o que é isso?

— Isso aí é um canamã.

Aí o papai disse:

— Minha filha, nós não temos espingarda, olha só como tá de bicho ali chupando aquela água salgada.

Tinha aí um pau grande de uma árvore que caiu ali. Tinha aquele pau caído ali e os bicho em cima só chupando. Aí o papai pegou o terçado e foi descendo devagar. Ele conseguiu pegar um veado. Aí foi, subimos puxando aquele veado... nós fomos puxando o veado gordo pra cima.

Aquele canamã foi feito por Deus mesmo, não foi feito por Kambeba. E quem sabe quanto tempo tinha já aquele canamã!



Criança
Kambeba

ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA

A onça

A onça é bicho danado, assobia macucaua, ela arremeda macucaua direitinho.

Quem duvida é porque nunca morou no meio delas, mas nós moramos no meio de onça. Onde nós morávamos antigamente onça passava assim no nosso terreiro, passava dali, de lá, pertinho mesmo. A desgraçada tem coragem de parar aí no pau e assobiar igualmente macucaua.

Ela faz:

— fi, fii, fiiiii

Ela assobia e fica esperando.

Minha comadre dizia:

— Por que vocês não vão já embora daqui? Tem tanta onça, não sei como vocês não tem medo.

Aí eu dizia:

— Elas não vêm aqui é com nojo, que eu corto elas. De onça eu não tenho medo não.

VALDOMIRO CRUZ KAMBEBA E ASSENCIONA CRUZ KAMBEBA



Vânia Lima dos Santos

QUARTA PARTE

Textos em língua Kambeba



Zildo Cruz da Silva Kambeba

Tana-Kumuera

Imimiua pura Kambeba cumiça nani tana kumuera.

Ruaia imiti portugues

Tini cumiça:

— Kambeba imiti maritipa cumiça nani portugues

Uka kamueba uçu tucasca tana kumuera suepe portugues

Luaia-xitá Kambeba cumiça tana kumuera!

Icume escola aua estuda supi iriua cumiça kumuera-Kambeba tana ritama.

Escola aua cumiça, aua veranu gegala tana kumuera-Kambeba!

Tana cumiça xira suçu:

— Tapira, aguti, iauara-uaçu...

Tana cumiça xira iuira:

— uaçacu, acaiua, amiua, patiuua, samuna...

Tana cumiça xira eueria:

— uaçai, parana, miriti, auima, inã, sandia, pupuxi, tucuma...

Tana cumiça xira ipira veranu:

— uaracu, arauana, acara, quirimata, iaraqui, mamuri, ipirai...

EM PORTUGUÊS:

Nossa Língua

Antigamente todos os Kambeba falavam só nossa língua.

Não existia português.

Aí branco falou:

— Kambeba tem que falar português.

O povo Kambeba foi trocando nossa língua pelo português.

Hoje poucos Kambeba falam a nossa língua

Mas agora, na escola, a gente estuda para voltar a falar língua Kambeba na nossa aldeia.

Na escola a gente fala e a gente também canta na nossa língua Kambeba!

Nós falamos os nomes dos bichos:

— anta, cutia, onça...

Nós falamos os nomes das árvores:

— açacu, cedro, embaúba, paxiúba, sumaúma...

Nós falamos os nomes das frutas:

— açai, banana, buriti, goiaba, ingá, melancia, pupunha, tucumã...

Nós falamos os nomes dos peixes também:

— aracu, aruanã, cará, curimatã, jaraqui, matrinxã, piranha.

Mapinguari

Mapinguari suçu maritipa caquiri iúria

suçu mapinguari uça, aquitiara!

Mapinguari tua maniatipa itauba

xipa ura uata, xipa ura jene-uma ura peni sari iúria auati

— Jenó!...luca uri mapinguari

— Jene-uma, ta mememuera

Mapinguari eneiua aua!

Ura iapitica uipi may tua caruta iumucunhim!

canarua-ura ruaia imiti senepua

ura imiti pueta tua. Seuica-ura imiti cuara maritipa

supi manuta mapinguari nani xipa.

Ura iauacima tiro imiti maritipa aki cate cuara seuica-ura

nani iuca maritipa aki bala sue mapinguari!

EM PORTUGUÊS:

Mapinguari

Mapinguari é bicho que mora na mata.

bicho forte e perigoso !

Mapinguari é grande como uma itaúba

quando ele anda e quando ele corre vai quebrando a mata em cima.

— Escuta!... lá vem mapinguari

— Corre, meu filho.

mapinguari come gente!

Ele pega um homem grande, morde e engole!

Ele tem pé grande e a barriga dele tem um buraco que abre quando ele grita.

Para matar o mapinguari só quando ele grita

e o tiro tem que entrar dentro do buraco da barriga dele

Só lá é que entra bala no corpo do mapinguari.

Curupira

Curupira caquiri iúria

rana peruti aua

rana imiti yaua tua pueta curupira araua

curupira imiti nani iuaca pua

imiti pue-sape tua

rana ipuraque pura aua jene-uma

Bajinha aui umai curupira

Rana suçumari, xima jene-uma

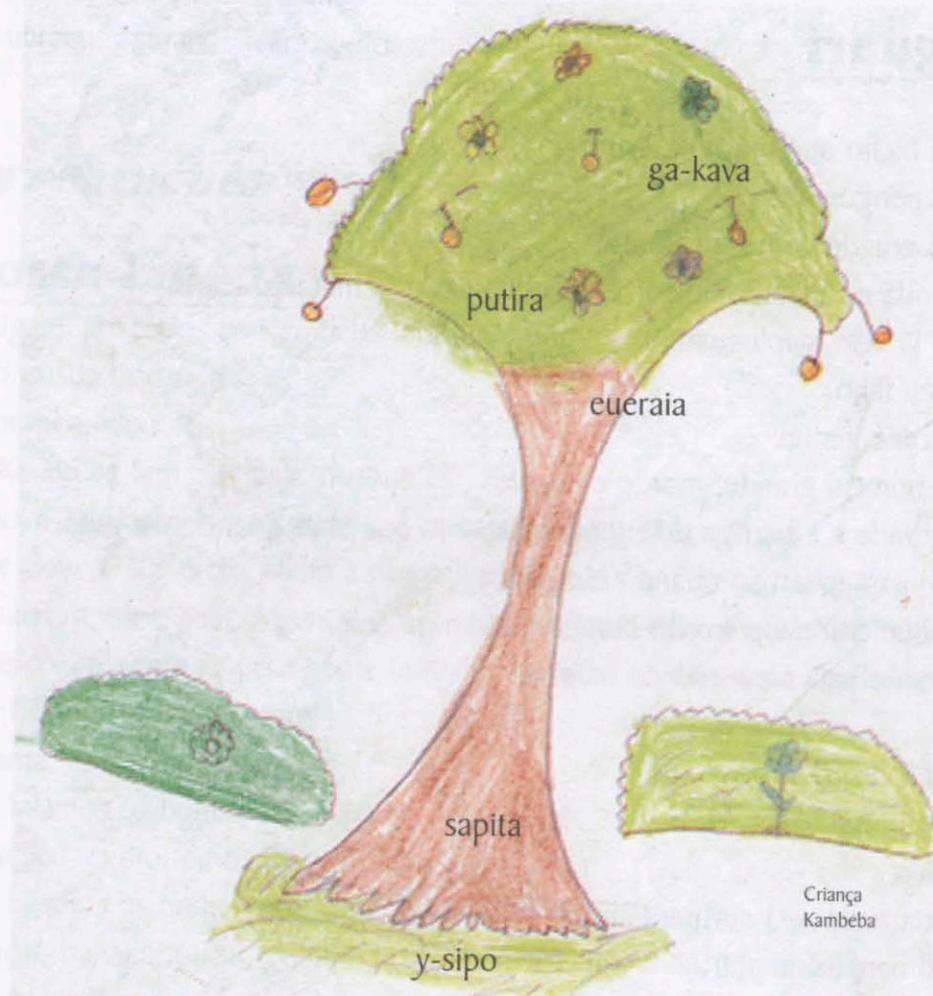
maritipa aquitiara!

EM PORTUGUÊS

A Curupira

Curupira mora no centro da mata
ela encanta as pessoas
ela é cabeluda, o pé dela é virado para trás
a curupira só tem quatro dedos e unha grande
ela bota todo mundo para correr
Bajinha já viu a curupira
ela ficou com medo, saiu correndo
que perigo!

Planta



Criança
Kambeba

Yaci

(desenhos)

aietu-yaci	yaci-tua	yaci-tiura	yaci-cusa
Lua Crescente	Lua Cheia	Lua Minguante	Lua Nova

Festas

imimiua tana, Kambeba, iauqui tua-festa
iapuraxi arara petani
iapuraxi timayti, marinheira.
Festa iti xitá paiauaru, caiçuma supi enei
imimiuaa tucasca yupana iauque Kambeba
Timayti iapuraxi muqui mucuiquia uaina.
Apiçara peruti uipi lenço.
Iapuraxi-kana Kambeba xitá saku!
Icum Kambeba veranu iauqui festa
Imiti rezasca, veranu xitá enei.
Aua curata paiauaru xitá veranu.
Nani maritipa icumi tana iapuraxi forró!



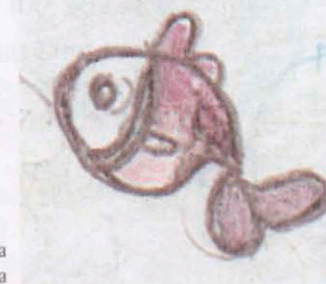
Dico Kambeba

EM PORTUGUÊS:

Festas

Antigamente nós, os Kambeba, fazíamos festas grandes.
Dançávamos Arara- vermelha,
dançávamos Timayti e Marinheira.
Nossa festa tinha muito pajuaru e muita caiçuma para beber.
Antigamente a gente tocava flauta em nossas festas. As flautas eram feitas pelos Kambeba mesmo.
Timayti era dançado assim: um homem dançava com duas mulheres. O homem levava um lenço.

As danças dos Kambeba eram muito animadas!
Hoje Kambeba também faz festa.
Tem a reza e também muita comida.
A gente bebe pajuaru
e a gente dança muito também.
Só que agora nós dançamos forró!



Criança
Kambeba

Iara

Kambeba sari caquiri uni-tuiuca.

Supi xima uipi itipu, supi amua,

Kambeba iauaqui iara.

Supi iauaqui iara aua saquita iuirra uica: jacaréúba, tanhembuca, louro-nhambuí.

Tana iauaqui tanu iara ique ritama

May bifu iauaqui

apiçara-era iauaqui muqui ura mira aprende.

Iara Kambeba xitá uica.

Aua timicama maniaca, rura iuca eu supi ique-acá ritam;

EM PORTUGUÊS:

A canoa

Kambeba sempre morou em terra de várzea.

Para sair de um lugar para outro Kambeba faz canoa

Para fazer canoa a gente corta uma árvore bem forte: jacaréúba, tanhembuca, louro-nhambuí, pode ser.

Nós fazemos as nossas canoas aqui na aldeia.

Os homens mais velhos fazem e os mais novos fazem junto com eles para aprender.

Canoa Kambeba é muito forte.

A gente enche ela de mandioca e traz lá do roçado até a frente da aldeia.

Eu

Imimiua Kambeba iauquiri eu-tua

iatima xitá tini, iatima eueraia

iatima muçana veranu.

Pura macapita Kambeba aui caquiri sari iauqui tua iatima-kana.

Acum, ique tana ritama, aua veranu iatima.

Tana eu imiti xitá maniaca, iauiri, uaquira, purutu

veranu xitá iuiria

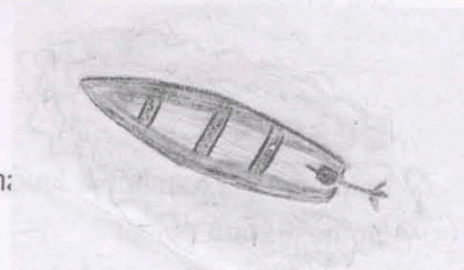
Ique tana tuiuca imiti eu-era,

eu muqui maniaca aui eguate, nani maritipa sucuera,

veranu maniaca pitani.

Kambeba iatima xitá maniaca supi ruaia iakapa ui.

Ique ritamaia tana uaqui ui-uni, ui-quiana veranu.



Dico
Kambeba



Adelson Cruz da Silva Kambeba

eu tua maniaca (roça grande de mandioca)

ui-uni (farinha d'água)



Divino Cruz Kambeba

EM PORTUGUÊS

Roçado

Antigamente Kambeba fazia grandes roçados,

plantava muito na praia, plantava fruta

e plantava remédio também.

Tudo onde Kambeba já morou sempre fez grandes plantações.

Hoje, aqui na nossa aldeia a gente também planta.

Nosso roçado tem muita mandioca, macaxeira, cana, feijão

e também muitas fruteiras.

Aqui na nossa terra tem roçado novo,

roçado com mandioca já alta, só que verde

e também mandioca madura

Kambeba planta muita mandioca para não acabar a farinha.

Aqui na aldeia nós faz farinha d'água e farinha seca também.

Sari caquiri uni-tuiuca



Desenho
Kambeba

Sari Kambeba caquiri uni-tuiuca

imimiua veranu Kambeba caquiri uni-tuiuca.

Tana papa-tua caquiri sari iapira parana-uni .Caquiri pura ique-aca parana

Kambeba sari iatima xitá

sari piracari xitá veranu.

Yas-uka uni parana tua-tapira, ixima-uni

Tana, Kambeba, aua-uni!

Eneiu Kambeba sari arauana, tariquiaia, iuuara.

EM PORTUGUÊS:

Sempre moramos na várzea

Antigamente também os Kambeba moravam na várzea

Nossos avós moravam sempre perto do rio. Moravam bem na frente do rio.

Kambeba sempre foi de plantar muito

e de pescar muito também.

Banhava nas águas das cabeceiras, água limpinha.

Nós, Kambeba, somos gente da água!

Comida de Kambeba sempre foi arauanã, tracajá, peixe boi.

Manuta tatu

icuati ai peni manuta tatu

pua ta puna peni supi iamana

pituna mana quara xipa tatu aui uri uatari

ai ta-iapitica ta puna canhuti iaqui tatu

iapa- eneiú tatu?

EM PORTUGUÊS:

Caçada

Ontem a noite eu fui matar tatu

peguei minha espingarda e fui para o mato

a noite estava escura quando o tatu veio andando

eu peguei minha espingarda e arrebentei a cabeça do tatu

Vamos embora comer tatu?

Maçamura-tua

Tana ritama aua ruaia iaiiqui maçamura-tua

Supi iaiiqui maçamura-tua aua iapitica pupuxi, ipira, panara

Kambeba sari eneiú maçamura-tua.

EM PORTUGUÊS:

Mujica

Na nossa aldeia a gente ainda não fez mujica.

Para fazer mujica a gente pega pupunha, peixe e banana

Kambeba sempre comeu mujica.

Fani

Fani tana iaiiqui muqui iaiuri, muqui ipira.

Kambeba gostari eneiú fani

eneiú xitá!

EM PORTUGUÊS:

Fani

Fani nós preparamos com macaxeira e com peixe.

Os Kambeba gostam de comer fani

comem muito!

Sari Kambeba caguri uni-tajucamunara

Mujica

Para fazer a festa de aniversário, a escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário.

Para fazer a festa de aniversário, a escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário.

Para fazer a festa de aniversário, a escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário.

Para fazer a festa de aniversário, a escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário. A escola vai fazer uma festa de aniversário.



Maria Lúcia Cruz Braga Kambeba

Caçado

Caçado

Caçado

Caçado

Caçado

Caçado

Caçado

Caçado

Desenhos:
Divino Cruz da
Silva Kambeba



QUINTA PARTE

Dicionário Kambeba

Supi tana-iquraci aprender cumiça kumuera-Kambeba

cumiça cate escola veranu

Escola imiti maritipa iaiuecema pe

linua maritipa tana sacu!

- Aykiara tanu-dicionário

Para nossas crianças aprenderem a falar a língua Kambeba vamos falar dentro da escola também.

A escola tem que abrir o caminho

Isso é o que nós queremos!

- este é o nosso dicionário



PRONOMES PESSOAIS

eu — ai
me — ta
você — inê
ele — ura
ela — rana
teu — ene
tua — ena
nós — tana
nosso — tanu
nossa — tana

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

este — aykiara
estes — aikiara-kana
esta — ynua
estas — ynua-kana

PALAVRAS QUE INDICAM TEMPO

agora — icumi
amanhã — camutuni
ontem — icuati, icuaxi
anteontem — amacousé
antigamente — *ininiua*
hoje — icum
já, — aui
quando — xipa
tarde — caruca

PALAVRAS QUE INDICAM LUGAR

ao lado — ianueata
aqui — ique, iquie, aca
atrás — ique araua
daqui — iquie rupi sui a caru
dentro, no, em — cuara ou cate
em baixo — *uápi*
em cima — auati, ariua
lá — iuca
na frente — ique-aca

onde — macapita
por aqui — iquie rupi
sobre — sari
perto — iapira

OUTRAS PALAVRAS

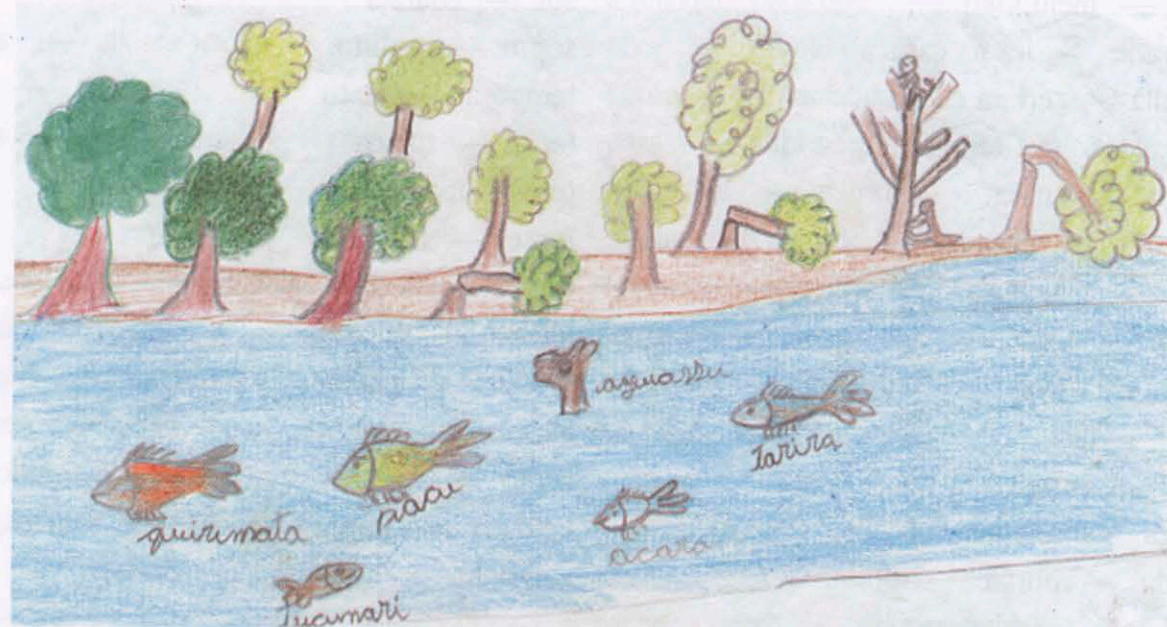
não — ruaia
sim — aise
nome — xira
meu nome — ta xira
outro — amua
ninguém — nimari
embora — iriua
a fim que, para que — mira
com — muqui
como — maniatipa
para — supi para mim = ta-supi
que, qual — maritipa
quem — auatipa
também — veranu
ano — u
este ano — aykiara u
só — nani
pelo — suepe
bem, bom — catu, ira, ura, irapaca
comigo — ta-muqui
vamos comer — ya pa-eneiu
tem, existe — imiti
outro — amua
primeiro — *íati*
tudo — pura
vamos — ia-peni, ia-pena
língua — kumuera
demais — eirapaca
tarde — karuka
muito — xitá
pouco — luaia-xitá
alma — mai-sangara
antepassado morto — *amíra*
arco íris — mui piruata

areia — tini
banho — iacula
cheia do rio — uni nua
cheiro — punita
chifre — iaqui
chuva — amana
comida — inimira, eo-may
curuba — curuba
doença — aicua
doente — aicua-ta
dono — iara
escuridão — *ipatuma*
barro — tuiuca
beiju — meu
boa trade — ira na caruca
bom dia — eri na cuena
bosta, cocô — teputi
buraco — cuara
esquerda — canhuta
febre — manaiuca
feitiço — cuata
ferida — aicua
fogo — tata
fome — iamaxi
fumaça — tatatini
grávida — purua
inimigos — sahuaiara
jejum — uarixi
jesus — iucu, *taíra*
lama — tuiuca-ipiu
lua — iaci
lua cheia — *iací* tua
lua nova — *iací* cusa
lugar — itipu
luz — canata, cana
madrugada — cuema
magro — tiura
mancha — uautira
medo — aquitia
meio dia — aui cuaraxi ipama

mentiroso — *íatsuri*
mês — *iací*
mutirão — uaiuri
nó porta — *paçaquira*
noite — *patuna*
núvem — euevaca
pedaço — *iací* ca
pedra — itaca, itacu
relâmpago — pirapera-ta
sarampo — sarapu
sede — cana
sem lua — *iací* upapa
sereno — amana tiura
sol — euaraci
sopro — putura
temporal — *íutu*
terra — tuiuca
teto — iapa
tosse — macanuri
trovão — topã
último — saçarupi
urucuri — pariata
vazante — uni tipa
vento — *íutu*
verdade — irapaca
vergonha — uti

NÚMEROS

um — uipi
dois — mucuiquia
três — muçapíca
quatro — iuaca
cinco — pitica
seis — canxe
sete — sueti
oito — oiti
nove — noebe
dez — tiunga



Divino Cruz da Silva Kambeba

CORES

amarelo — puxicu
azul — suequera
branco — tini
preto — suni
verde, não maduro — sucuera
vermelho — petani

QUALIDADES

alto — eguate
amargo — irava
animado — saku
azedo — zai
bêbado — saipura
cheiroso — xapuni
claro — huaras
coitado — xara
comprido — pucu, ipoco
corajoso — uica
curto — quira
demais — eirapaca
direito — iumata
doce — se, see.
dourado — manitu
entardecer — karuka
errado — tupara, tima rira
estreito — tiuranani
fedorento — pã
feio — aitsera, aicera
forte — uica
fraco, cansado — cuaci, canhum
frio — serai
fundo — tpi
gordo — iquira
grande — tua
inchado — ruru
ladrão — munasu
largo — nua
ligeiro — ipura pani
liso — caituri

limpo — ixma
maduro — ptani
mole — ipu
morto — amia
muito — xita
novo — era
pequeno — tiura
perigoso — aquitiara
violento, valente — erakma
perto — iap-i ra
pobre, coitado — xara, pua
pouco — luaia-xita
preguiçoso — map-i r-i
quente — sacu
redondo — iapua
respeito pelo tuxaua — usciumata
ruim — aiaysimarae
santo — tupana
seco — quiana
solteiro — titiquiatu
sujo — cureri
surdo — upatu
triste — irava
tudo — upa
velho — bifu
verdadeiro — tiera

ANIMAIS

peixes e animais da água:
aracu — uaracu
aracuã — aracuã
aruanã — aruanã
arraia — iauauira
boto — inha
camarão — camaru
cará — acarã
cara-açu — acarã uacu
curimatã — quirimata
iaçá — eupeçu
jacaré — iacari



Valdomiro Cruz Kambeba,
tuxaua da aldeia com os netos



Assencion Cruz Kambeba
com os netos



Crianças estudando



Aluna na Escola Nossa
Senhora da Saúde

jacaré tinga — iacari tini
 jaraqui — iaraqui
 matrinchã — mamuri
 muçum — mui
 parauacu — paroaku
 peixe — ipira
 peixe boi — iuuara
 peixe cachorro — iauara ipira
 pintado — paraua
 piraiá — ipira uira
 piramutaba — cauixuri
 piranha — ipirai
 pirapitinga — paeu
 pirarara — anan-ia
 pirarucu — iuatsu
 puraqué — puraqui
 sardinha — upari
 surubim — surí
 tambaqui — tamaquixi
 tracajá — tariquiaia
 traíra — tarira
 tucunaré — tucunari

Animais de casa - memira

cachorro — iauara, iagoara
 galinha — atuari
 gato — missi
 porco — cuxi
 vaca — uaca

Animais do mato - suçú

acari — acari
 anta — tapira
 ariramba — ariramba
 ariranha — iauarapuana
 bicho preguiça — aue-pia
 capivara — capiuara
 coatá — cuata
 coati — cuati
 cobra — mui, muia

cobra coral — yata-muy
 cutia — cotia
 guariba — aquiqui
 jaboti — iauati
 jararaca — ieraraca
 macaco acari — acari
 macaco barrigudo — aquiqui
 macaco cheiro — iça
 macaco prego — cai
 maracajá — iauara miri
 mucura — micura
 muiratinga — capinuri
 minhoca — mui tura
 onça — iauarauaçu, iauara tini
 onça preta — yauarasu
 porco do mato — taiaçu
 preguiça — aue, aue pia = bicho preguiça
 raposa — iauara-puana
 rato — quiara
 sapo — cururu
 suçuarana — iauara uaçu
 sucuriçu — sucuriçu
 surucucu — mui tua
 tamanduá — tamanua
 tartaruga — puca
 tatu — tatu
 veado — ezeuassu

Pássaros - huera

arara vermelha — arara pñani
 cuiu-cuiú — cuiucuiú
 inambu — inãmum
 jacu — iacu
 jaú — ipirauaçu
 maguari — umauari
 mutum — mutu
 mergulhão — cotua
 morcego — anã
 papagaio — ueu
 pato — urumã, unamã

periquito — tiuri
 saracura — saracura
 tucano — tucanu
 tuiuiu — tuiuiu
 ubim — pariata
 urubu — urupu
 urubu rei — urubu-tini

Insetos

abelha — mapa-mama
 borboleta — iaci
 carapanã — iatiu
 carrapato — carapato
 formiga — saciua
 gafanhoto — xiriri
 mutuca — mutuca
 mosca — meru
 piolho — queua
 tucandeira — tucanira
 vaga-lume — pulli-pulli

ALIMENTOS

açucar — açúcaru
 água — uni
 banha — caua
 caçuma — caçuma, paiauaru
 carne — su
 farinha — ui
 massa — meçuruma
 mel — misqui
 mujica — maçamura tua
 óleo — iquiaua
 ovo — supia
 pinga — pa
 tucupi — tucupi

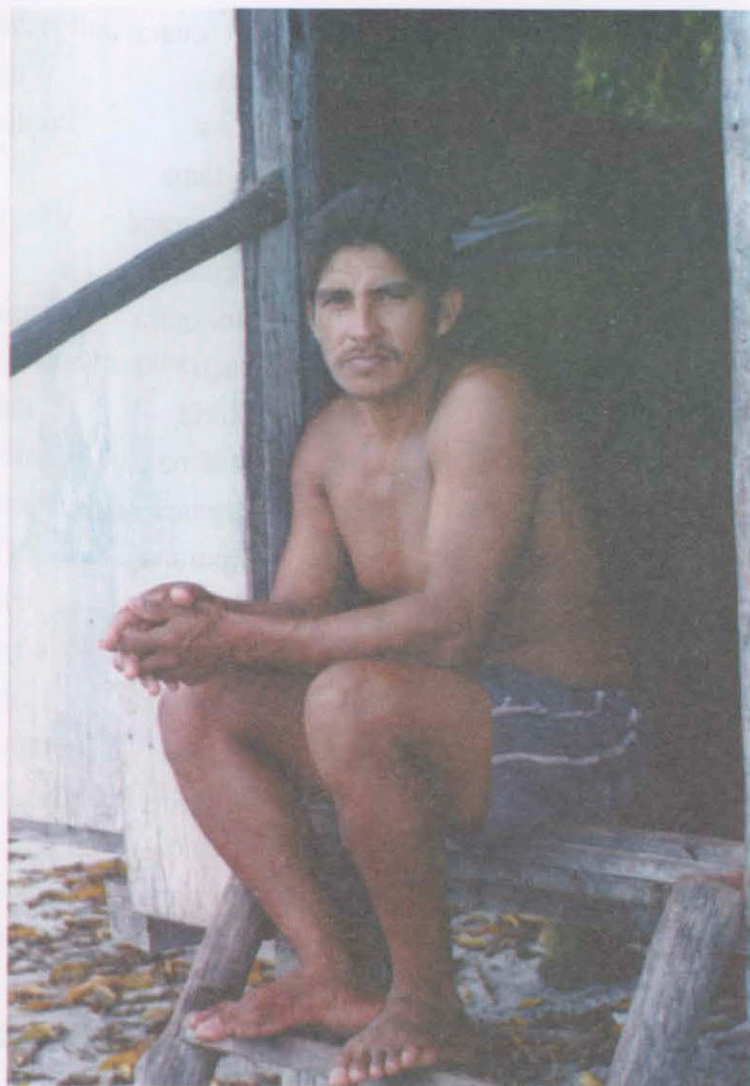
LUGARES

aldeia — ritama
 barranco — tuiucuari
 cabeceira — parana tua tapira

caminho — cuara
 casa — uka
 céu — huaka
 cidade — tama
 igarapé — igarapé
 igreja — cuatiar
 fonte — uni quira
 lago — ãpaçu
 mata — ãria
 mato — iamana
 monte — tuiuca ãti
 paraná — parana
 porto — cuara
 praia — tata-tini
 rio — uni, paranã
 roçado — eu
 roçado grande — eu tua
 roçado pequeno — eu pira
 solimões — paranauaçu,
 várzea — uni-tuiuka

OBJETOS QUE USAMOS

agulha — ucu
 anzol — manipiara
 arco — bembeké
 armadilha — pari
 zagaia — itasapa
 banco — iapuca
 borracha — kaheku
 cadeira — pinucu
 calça (roupa) — tutumaxiru, xiru
 camisa (roupa) — tutumaxiru, xiru
 canoa — iara
 carvão — tari
 chapéu — xapeu
 corda — puaça
 cruz — curuçu
 espingarda — puna
 faca — quixi
 faquinha — quixi-quira



Valdemir da Silva, agente de saúde indígena



Diamantina e Maria de Fátima Kambeba descansando no terreiro



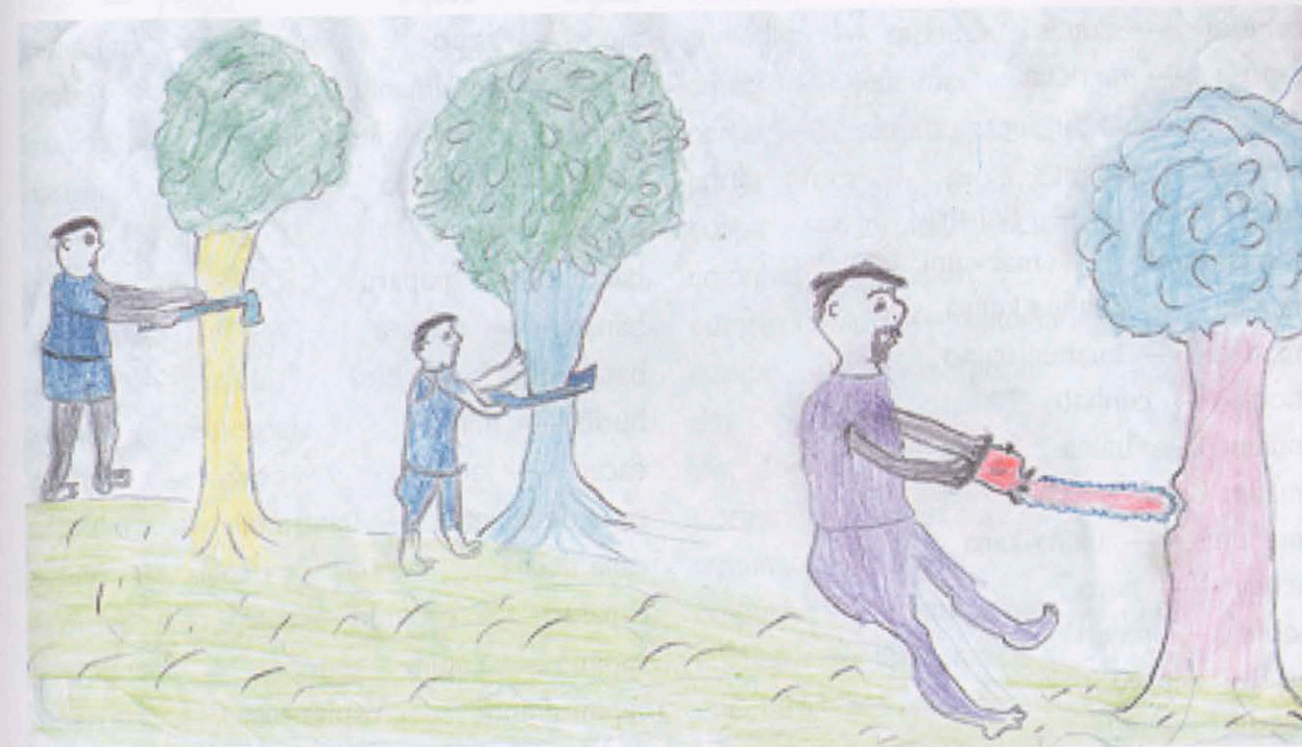
Zildo Cruz da Silva Kambeba, preparando a caça

flecha — uva
forno — iapunã
jarro — saicu-coala
lança — jairé
lenha — epea
linha — inimu
machado — iĩ
mosquiteiro — iricari
paneiro — saparu
panela de barro — iucuxi
peneira — cumata
pente — quiaua
pote de água — uni xiru, iucussi
prato — iamum
rede de dormir — tuquini
remo — iapuquita
remédio — muçana
roupa — xiru
sabão — abô
sal — teui
sapato — tutuma
semente — sai
tabaco — petima
talão — pĩta
terçado — maxta
vasília — muriçu
vela — nemia
veneno — uerari
zarabatana — gravatana

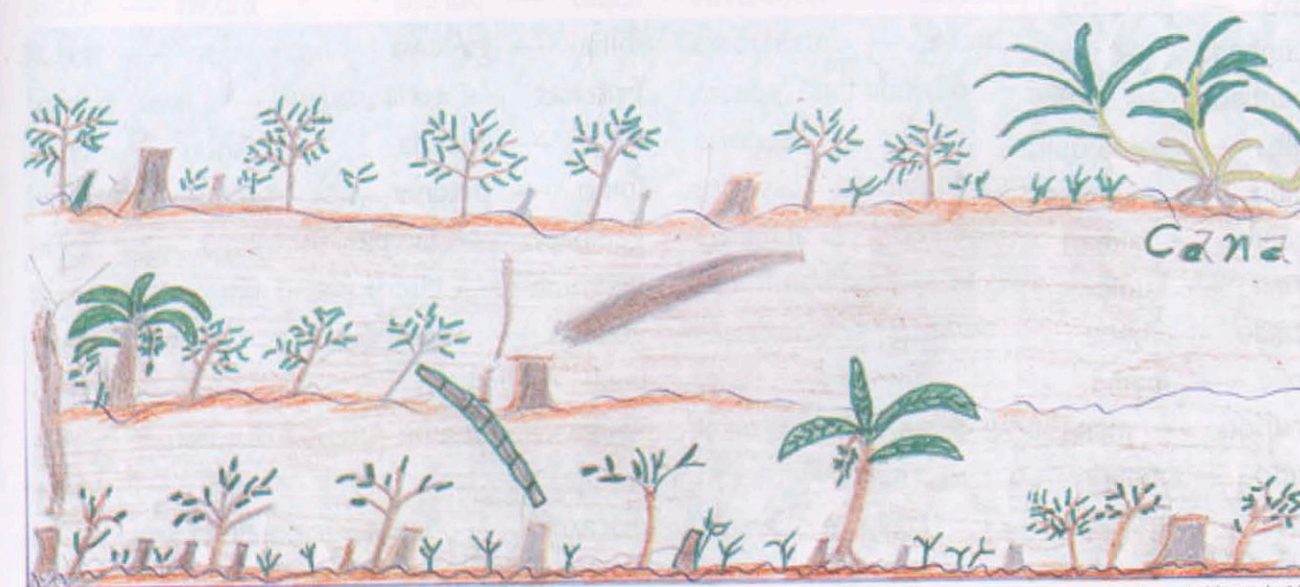
PARTES DO CORPO

barba — muta
barriga — seuica
barriga — seuica
bigode — mutaquirã
boca — isakama
braço — irua
braço — irua
bucho — teputixiro
bunda — sicuara

cabeça — aquĩ
cabelo — yahua
calcanhar — pitasapita
cara — xiça
careca — iaqui, piruca
cílios — sisa piriara
coração — inha
corpo — sui
costas — atucupe, iatucupi
costela — iapu canuara
cotovelo — senepua
coxa — kuxa, sutuema
dedo da mão — pua
dedo do pé — pĩtapi
dente — sai
estômago — inha
fígado — puca-pura
garganta — iurucuara
joelho — senepua
lábio — seme
língua — cumuera
mão — pua
nariz — tim
nuca — atoa
olho — sisasay
orelha — nami
osso — canuara
pé — pueta
peito — putia
pele — piruara, pirura
perna — canarua
perna — sotema
pescoço — iaxuca
pestana — tsiua seuapi
sangue — tiua
rabo — iaçu, sui
testa — yula-ia
testículo — sapiasai
umbigo — muerua
unha — pue-sape



Maria Lúcia Braga Kambeba



Valdemir da Silva

Palavras usadas para pessoas

branco — tini
criança — iquaraci
criança pequena — erimiarira
curador — zumis
esposa — mericua
gente — aua
homem — may
homem branco — tini-may
homem preto — may-suni
menina — huahua kunyã
menino — huahua-uaino
moça — cunhati
mulher — uaina
mulher velha — bifa
mulheres — uaina-kana
nenem — uaua
padre — pateri
pajé — payu, paie
pessoa — aua
rapazes — apiçara
tuxaua — zana

Pessoas da família

avó — mama-tua
avô — papa-tua
cunhada — uqui
cunhado — aiũa
filha — uaina quira
filho — memuera
genro — iximari
irmã — kuniã
irmão — imoa
mãe — mamã
marido — mena
neto — muariri
pai — papa
sobrinho — muariri
sogra — iaiti
sogro — tutã
tio — tuti-muitua

PLANTAS

açacu — uaçacu
açai — uaçai
acapu — acapu
aipo — gapo
algodão — amaniu
árvore, pau — iuiura, iuiura
bacaba — bacaba
bacu — uacu
bacurau — paparu
banana — panara
batata doce — itica
buriti — miriti
cacao — acao
cana de açúcar — uaqu i ra
cana flecha — iua
caparari — caparari
capim — capim
capim grande — capim-tua
caximguba — cuatiniua
cedro — acaiua
cipó — xipu
cuia — cuia
embaúba — amãua
feijão — purutu
folha — ga-kava
fruteiras — iua
fruto — eueria
fumo — petema
genipapo — ianipa
gerimum — cueru
goiaba — auima
ingá — inã
itaúba — itauba
laranja — larã
macaxeira — iauiri
mandioca braba — maniaca
melancia — sãndia
milho — auati
palmeira — emoa

paxiúba — patiu
pimenta — equi
pupunha — pupuxi
raiz — y-sipu
samaúma — samuna
timbó — timbo
tronco — sapta
tucumã — tucuma
uxi — uixi

VERBOS

abandar — uauta
abrir — yaiuecema
acabar — iakapa
acender — sinitura
achar — pucari
acordar — upaca
amanhecer — ipanuca
amarrar — t i k i ta
andar — uata
(andando) — uatari
apagar — manuta
arrancar, arranhar — tiuqui
arrebentar — canhuti
assar — mixira
baixar — ac i r i cari
banhar, lavar — iuçuca,
bater — nupa
beber — curata
brigar — aiua
brincar — muçuracari
buscar, procurar — ipuraqui
cagar — tacapi
cair — uari, ukukui
cantar — gegala
casar — mena-sola
chegar — iauatima, uatima
chegar — iauaxima
chorar — iatsu, axuka
chupar — xuxu, sui

colher — eutiara
comer — enei
comprar — curiqui, puripi
conhecer — icua
convidar — sapuqui
correr — jeneúma
cortar — saquita, saqui, utimata
cortar a roça — ruqui, canupai
conspirar — iurutia, turucuara
cozinhar — papuri
curar(o curadô) — suuanari
dançar — puraxi, purati
dar — iunucata
dor, doer — saxi, saxipa
dormir — uquiri
empinar — ipama
empurrar — munura, suca
encher — timicama
encontrar — purara
enganar — m i tata
engolir — iumucunhim
entender — cua
enterrar — tiuqui
entrar — aki
envelhecer — tururuca
escorregar — iuari
escutar com atenção — jenó
esfregar — carai
esfregar — tiuqui, carai
espantar — quãia
experimentar — segato
expulsar — gamunu
falar — cumiça
fazer — iauqui, ipuraqui
flexar — aiua
fumar — siquã
furar — cacuara
gostar — gostari
gritar — iauacima,
ir — peni, ia-pa (vamos)



Railson
Kambeba



Vanessa dos Santos

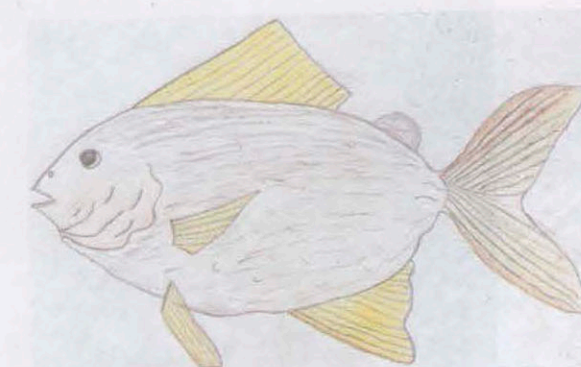
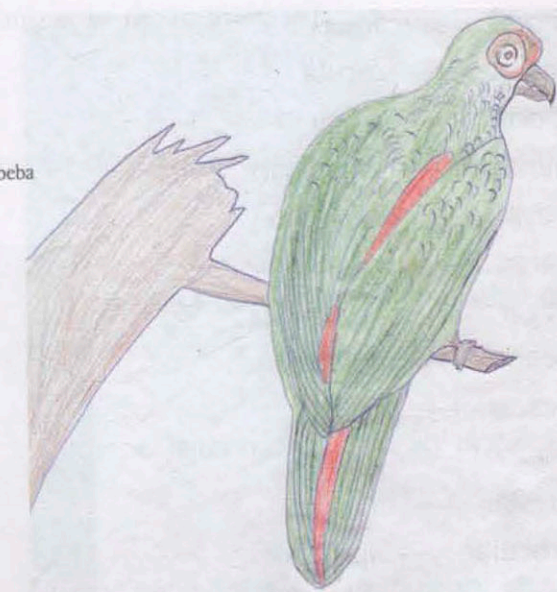


Eliete Cruz da Silva Kambeba



Desenho de Fân

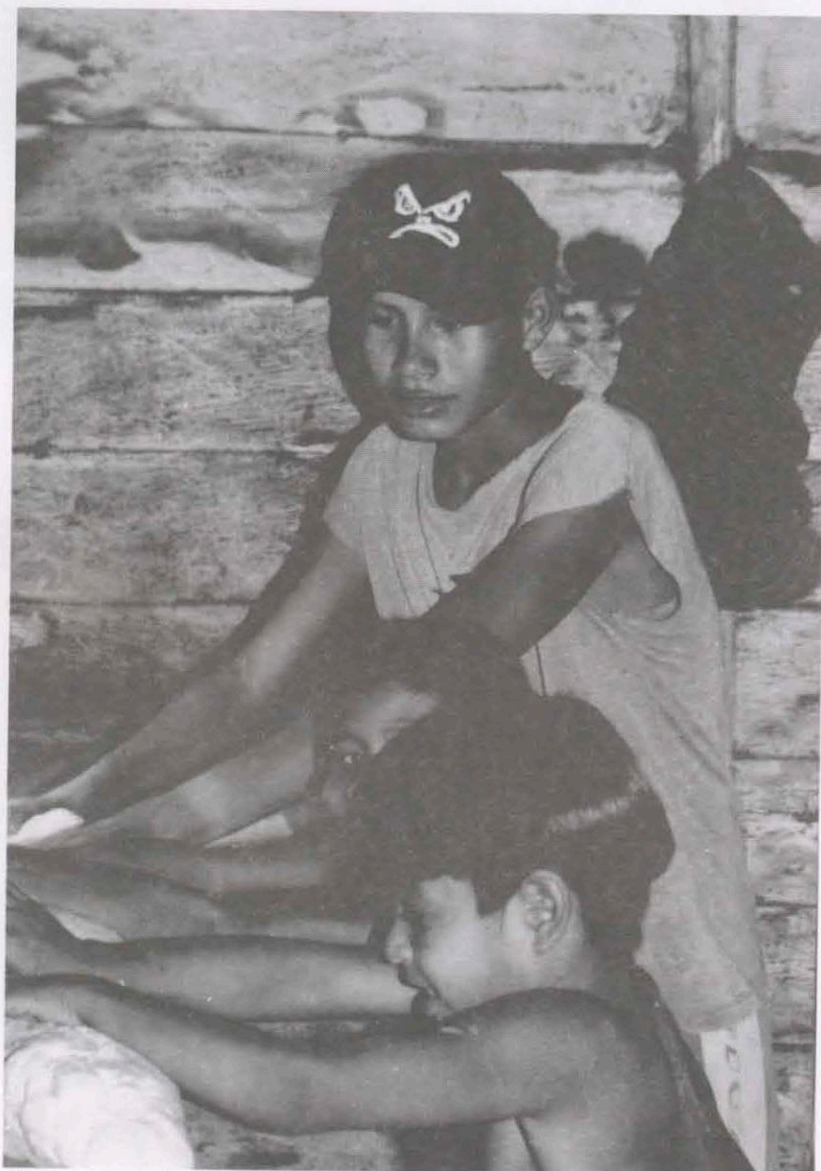
Francisco Cruz da Costa Kambeba



Gelson Cruz da Costa Kambeba

ir — uçu
 jogar — itica, tiquia
 lembrar — iaguaraci
 levantar — ipama
 levar — peruti
 lutar — aiacaca
 matar — manuta
 mergulhar — maquinaxapa
 mijar — cualuca
 moquear — mimuki
 morar — caquãri
 morder — caruta
 morrer — imanu
 mostrar — ianucatai
 ouvir — tsenó, jenó
 parar — para
 pegar — pua, iapitica
 pentear — quiuatsa
 pescar — piracari
 plantar — iat-íma
 prestar — rira
 procurar — ipuraqui
 puxar — s-íqu-í
 quebrar — sari
 queimar — ucai, sini
 querer — sacu
 ralar — iuixi
 remar — apugui
 rezar — rezasca
 rir — iapucari, iapira
 roubar — munura
 saber — icua
 sair — xima
 salvar a vida — ianucatata
 secar — sini
 segurar — iquiati
 sentar — ap-íca
 soltar — nimunui
 sonhar — iquiriari
 subir — uariquia

subir o rio — iacati
 tocar — tucasca
 torrar — uqui
 trabalhar — camata
 trançar — uacatai
 trazer — rura
 vazar — xini
 vender — curipiura
 ver — umi, umai
 vir — uri
 voar — ueu
 voltar — iriua
 vomitar — ueni



Meninos Kambeba fabricando pão

Bibliografia

(Livros que ajudaram na organização deste material)

ACUÑA, Cristóbal de. 1597-1675. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Rio de Janeiro, Agir, 1994.

CUNHA, Manoela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras/Sec. Mun. Cultura/FAPESP, 1992.

MEGGERS, Betty. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

PORRO, Antônio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RIVET, P. "Les langues Guaranies du haut-amazone". In: *Journal de La Société de Americanistes de Paris. Nouvelle Série*, tome VII, 1910. pp. 149-178

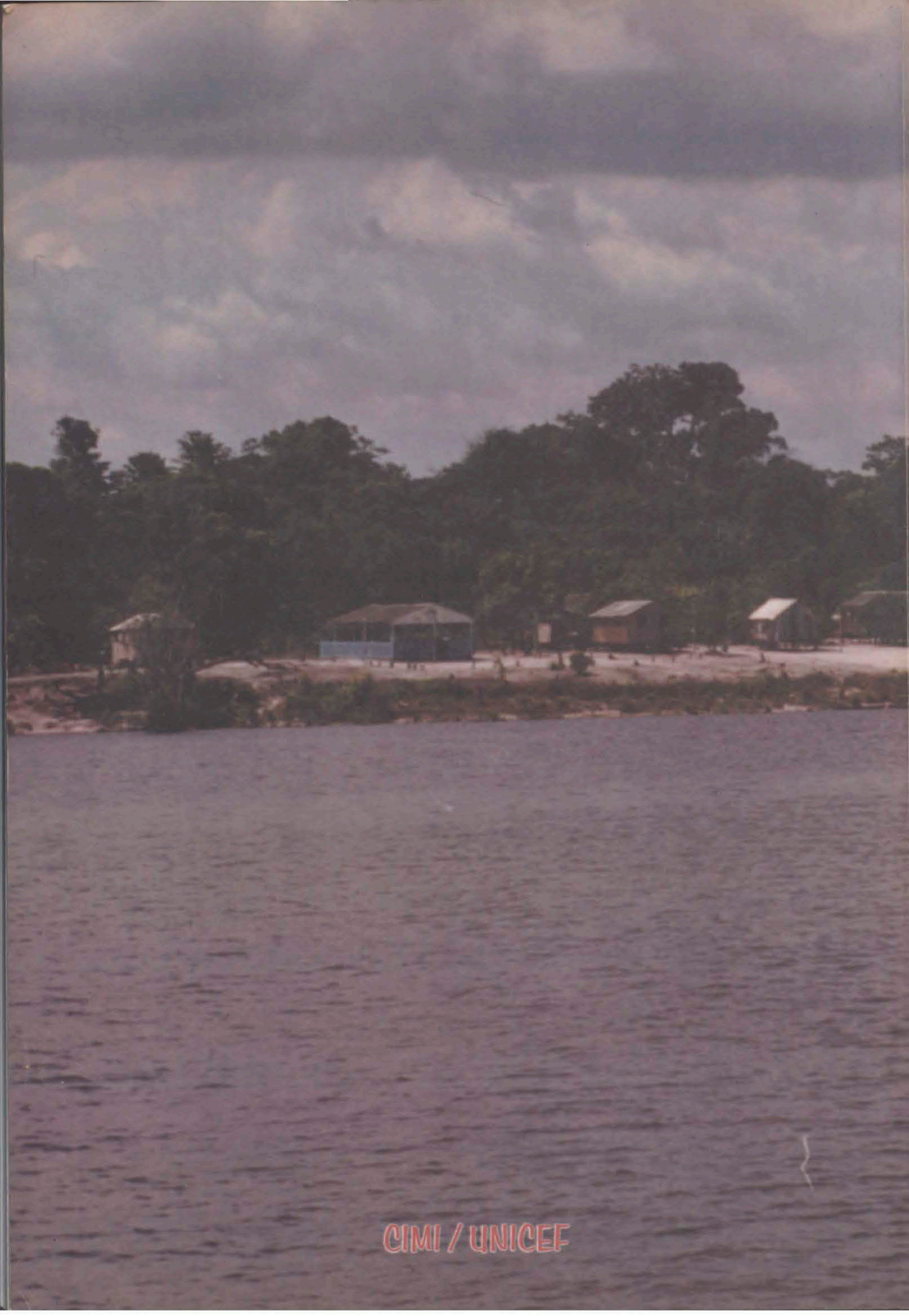
Outras fontes:

* Documento mimeografado, sem autor, sem título, 1976.

(Levantamento da língua Kambeba realizado nas aldeias Jaquiri e Barreira da Missão do Meio.)



Raimundo Cruz da Silva Kambeba, professor da aldeia e sua filha



CIMI / UNICEF